Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Terça-feira 25.6.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 677 / € 1,50 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

REPRESENTANTE DA REPÚBLICA NA MADEIRA DESMENTIDO PELOS PARTIDOS

GOVERNO Ireneu Barreto disse ter "garantias" de que o programa de governo do PSD seria aprovado e agora aponta responsabilidades aos partidos que mudaram de posição. Ao DN, todos negam esta versão. Marcelo confiou na palavra dada e avisa, por isso, que o "poder" está nas mãos do representante da República, o "único que é competente para decidir".

PÁG. 8

DIVERSIDADE DE ORIGENS MARCA QUARTA VAGA DA IMIGRAÇÃO BRASILEIRA

PÁGS. 4-5

Jhon Douglas, de Rondônia, na Amazónia.

REINALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGENS

EDUCAÇÃO
PREPARAÇÃO PARA O PRÓXIMO ANO LETIVO ESTÁ ATRASADA, ALERTAM DIRETORES ESCOLARES

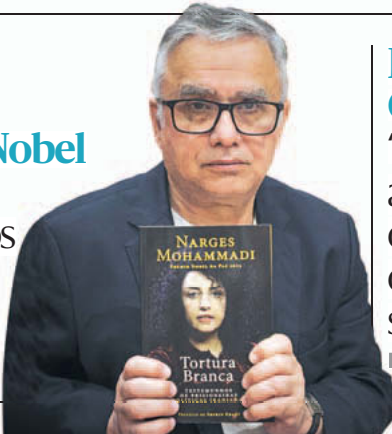
PÁG. 9

AIMA
PROTOCOLO COM A ORDEM DOS ADVOGADOS CONTINUA NA GAVETA

PÁG. 7

Taghi Rahmani sobre a sua mulher, Narges Mohammadi, Prémio Nobel da Paz, presa no Irão

"Há nove anos que os filhos não veem a mãe e eu não a vejo há 12"

PÁGS. 16-17

Mustafa Suleyman, CEO da Microsoft IA

"Construir a tecnologia com o fim de desempenhar o papel de Deus seria um equívoco"

PÁGS. 10-11

Música

Recordando The Mamas & The Papas: "mama" Michelle aos 80 anos

PÁGS. 24-25

Economia

Poupança das famílias resiste e compensa regresso do défice nas contas públicas

PÁG. 14

EURO2024

BERNARDO SILVA É QUEM MAIS CORRE: 24,8 KM EM DOIS JOGOS | ALBÂNIA 0 - ESPANHA 1 | CROÁCIA 1 - ITÁLIA 1 PÁGS. 20-23

Até ver...

Filipe Gil
Editor do Diário de Notícias

Fora do país, somos portugueses a dobrar

Foi talvez um dos jogos mais memoráveis de sempre da seleção portuguesa de futebol masculino e faz hoje precisamente 18 anos que aconteceu. Escrevo sobre os oitavos de final do Mundial de 2006, que decorreu na Alemanha. Portugal e Países Baixos disputaram a passagem à fase seguinte, um "mata-mata", para relembrar o selecionador da altura, o brasileiro Scolari. O encontro entre as duas seleções contou com uma verdadeira chuva de estrelas do futebol da altura, como Figo, Maniche, Deco, só para mencionar o lado português. E por lá já andava um tal de Cristiano Ronaldo, que saiu lesionado depois de uma entrada duríssima do neerlandês Khalid Boulahrouz. E essa foi mesmo a toada do jogo, cabeçadas, empurrões, estaladas e discussões entre jogadores, de tal forma que ficou para a "história" do futebol como a "Batalha de Nuremberga" e como um dos jogos mais violentos de Mundiais. Mesmo para quem não segue estas coisas do futebol vale a pena ver o resumo do jogo no YouTube e perceber a intensidade do que aconteceu. Foram 16 cartões amarelos e 4 cartões vermelhos (todos por acumulação de amarelos), dois para Portugal (Costinha e Deco) e dois para os Países Baixos (Boulahrouz e Van Bronckhorst). Um verdadeiro campo de batalha nas quatro linhas que levou os adeptos ao rubro. Ninguém que seguiu o jogo ficou indiferente ao que se passava na Alemanha, provocando comentários inflamados e nada independentes a favor das suas equipas. E qual seria um dos locais menos aconselhável a um português para ver este jogo? No meio de fanáticos adeptos dos Países Baixos. Precisamente onde eu estava! Em Amesterdão – onde vivia na altura –, num bar logicamente pejado de adeptos vestidos dos pés à cabeça de cor de laranja (a cor da família real dos Países Baixos) e de cerveja em punho. Eu era o único português e o jogo foi tão emotivo que a exaltação transpôs-se para aquele lugar. A minha "sorte" foi estar vestido com a camisola alternativa da seleção portuguesa, de cor preta, e poucos perceberam de que lado estava, pelo menos até ao golo de Maniche que deu a vitória a Portugal por 1-0 e provocou a eliminação da seleção neerlandesa. Foi difícil conter-me num jogo tão intenso. No final ouvi umas bocas que consegui decifrar (os palavrões são sempre a primeira coisa que aprendemos numa língua estrangeira, certo?) e ainda respondi, estupidamente. Saí do local o mais depressa possível, levado à razão pela amiga holandesa com quem estava. Saí exaltado e indignado. Um disparate. À medida que as horas foram passando, fui acalmando e percebendo o quão parvo tinha sido e o quão mal aquilo podia ter corrido para o meu lado. E pensei como nos transformamos em certas situações, sobretudo quando somos emigrantes e o futebol vem à baila – até se crê que o filósofo e escritor Albert Camus tenha dito: "Tudo o que eu sei sobre a moral dos homens devo-o ao futebol." Isto para dizer que quando observo na televisão os emigrantes portugueses espalhados pela Europa que percorreram centenas de quilómetros para verem jogar a sua seleção, vestidos de encarnado e verde dos pés à cabeça, exaltados com o nome do país e a elevar o nome dos jogadores até à estratosfera, identifico-me. É apenas uma forma de mostrar o sentimento de ser português, que fica exacerbado, positivamente, quando vivemos "lá fora". Costumo dizer que depois de dois anos a viver no estrangeiro fiquei melhor português e com uma noção mais exata que muitas das minhas atitudes e hábitos serem de uma certa forma únicas porque nasci e cresci em Lisboa. Para o bem ou para o mal. E como uma vez observou um amigo francês a viver em Portugal, nós, portugueses, temos uma característica curiosa: passamos muito tempo a dizer mal do país e de nós, mas ai de um estrangeiro que o faça! Aí, o patriotismo e orgulho português vem logo ao de cima.

Ora, Portugal continua a ser um país de emigrantes e a grande razão para tal ainda acontecer é a mesma de sempre: a busca por melhores empregos, com melhores ordenados e uma vida melhor. A exata razão pela qual chegam imigrantes a Portugal. Por isso mesmo não consigo entender (nem admitir) que exista em Portugal quem seja contra a imigração, venha ela de onde vier. Não consigo conceber que um povo que tem familiares próximos em França, na Suíça, no Luxemburgo ou no Brasil, só para dar exemplos, siga o o discurso do "vai para a tua terra!". Já se refletiu o quão incongruente isso é? Gente que procura o nosso país para trabalhar e ser mais feliz devia orgulhar-nos, não o contrário. Os que votaram no Chega e que publicitam esse discurso anti-imigração deviam pensar nos seus familiares, nos que andam "lá fora" a ganhar a vida, seja na construção civil ou na administração de uma multinacional. Será que não pensam nisso quando veem as tais imagens dos emigrantes eufóricos com a seleção? Felizmente, a grande maioria dos portugueses não vai atrás dos berros de Ventura. A democracia e a liberdade (e o bom senso) continuam a golear as ideias estapafúrdias dos extremistas.

OS NÚMEROS DO DIA

12,75

MILHÕES DE EUROS

A Federação Portuguesa de Futebol arrecadou, até agora, 12,75 milhões de euros em prémios com a participação da seleção nacional na fase final do Euro 2024, na Alemanha, montante que poderá aumentar já frente à Geórgia.

5,6

MILHÕES

A uma semana de terminar o prazo de entrega do IRS, já foram submetidas 5,6 milhões de declarações. Dessas, a maior parte (3,61 milhões) são de pessoas que em 2023 tiveram apenas rendimentos de trabalho dependente e/ou de pensões, o que corresponde às categorias A e H, respetivamente.

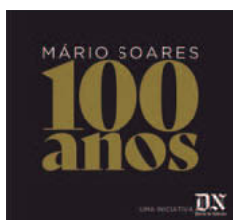
714

MILHÕES DE EUROS

A Comissão Europeia aprovou ontem uma decisão preliminar para desbloqueio de 714 milhões de euros em verbas relativas ao Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) de Portugal.

13

POR CENTO

22 mil jovens deixaram de estudar quando terminaram o curso profissional em 2022, segundo dados da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência. Os resultados divulgados mostram que apenas 13% dos alunos de cursos profissionais continuam a no ensino superior.

25.6.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

DIVERSIDADE

Muito além de Rio e São Paulo, brasileiros vêm "de todo o lado"

QUARTA VAGA Imigração brasileira em Portugal agora é marcada por origens e perfis diversos de quem escolhe o país. E a ideia de que os imigrantes são principalmente cariocas ou paulistas começa a mudar.

TEXTO **CAROLINE RIBEIRO**

Basta iniciar uma conversa rápida para que a primeira impressão seja a mesma, sempre. "Já dizem logo 'é a carioca ali'. Então, eu sou amapaense, né? E eu não deixo passar, eu falo mesmo, faço questão. Digo que eu sou do Amapá, no Extremo Norte do Brasil, área de preservação ambiental, começo a falar várias coisas para que eles saibam que o meu Estado existe." Quem o diz é a brasileira Glenda Williams, amapaense de 28 anos, que vive em Braga desde 2022. Glenda faz parte de uma nova vaga de imigração em Portugal, com brasileiros vindos de fora do eixo Rio-São Paulo.

A mudança da cidade natal, Macapá, capital do Estado de Amapá, foi para ter mais qualidade de vida e aproveitar oportunidades de trabalho. A esteticista e o marido, que é programador, não se arrependem. Encontraram em Braga um pouco do que tinham em casa. "Aqui há muita gente falando o português do Brasil. Por vezes esqueço que estou em Portugal, principalmente no verão, porque o clima é muito parecido com o da minha cidade. Braga também é parecida a Macapá na organização da cidade e tamanho", conta ao DN.

Se uma parte do imaginário português associa o imigrante do Brasil como tendo origem no Rio de Janeiro ou em São Paulo, a amapaense representa o que já é investigado como a "quarta vaga" da imigração brasileira no país. "Hoje podemos dizer que vem gente de todo o lado", diz o professor Jorge Malheiros, do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT), ao DN. "Continua a vir gente de Minas Gerais, muita gente de São Paulo, do Rio, mas também temos Rio Grande do Sul, Santa Catarina, nordestinos, de Pernambuco, da Paraíba, do Ceará e gente do Norte, que é uma novidade", refere Jorge Malheiros.

"Hoje vem gente de todo o lado."

Jorge Malheiros
Professor associado IGOT

De norte a sul

Os estudos em Portugal sobre a imigração brasileira marcam o final da década de 80 como a primeira vaga significativa. Foi a altura em que a imagem portuguesa no exterior começou a mudar. "O parente pobre da Europa, o país que exportava imigrantes, o país da ditadura, vai sendo substituído por um Portugal, primeiro, democrático, depois, mais moderno e depois europeu", explica o docente. A nova imagem causa impacto num Brasil que saía da ditadura para a democracia, com problemas económicos e de desemprego, e traz, maioritariamente, brasileiros qualificados, sobretudo do Estado de Minas Gerais, mas também de São Paulo e Rio de Janeiro. É também a vaga marcada pela chegada massiva dos médicos dentistas.

Após décadas de alternação entre o movimento de pessoas mais ou menos qualificadas, com mais ou menos rendimentos, de Estados mais ou menos conhecidos e até com uma fase de regresso dos desiludidos, a quarta vaga, que marca a atualidade, traz um conjunto diverso, que representa mais fielmente a grandeza de um país de dimensão continental.

O marco para o início desta nova fase é a política. Começa com a destituição de Dilma Rousseff da Presidência da República, em 2016, e a instabilidade que surge na transição para o governo de Michel Temer. A polarização e os ânimos acirrados entre os apoiantes do sucessor de Temer, Jair Bolsonaro, eleito em 2018, e Lula da Silva, que vence em 2022, fazem com que a ideia da "terra que ainda vai cumprir seu ideal", como diz Chico Buarque, fique bem distante. É em Portugal que muitos veem o futuro.

Região Norte
Diversificação de origens trazida pela quarta vaga faz com que os "nortistas", como são chamados quem é da região Norte do Brasil, estejam cada vez mais presentes.

Mudança no imaginário

Hoje são 615 mil os brasileiros com título de residência em Portugal. Os números mais recentes da Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA), obtidos em exclusivo pelo DN Brasil, mostram que outros 33 mil foram chamados recentemente para regularizarem a sua situação.

E o que justifica que, ao ouvir o sotaque e tentar adivinhar de onde vem um brasileiro, um português sugira logo tratar-se de um carioca ou paulista, mesmo tendo a comunidade quase 650 mil pessoas no país? É, num primeiro momento, o retrato de uma imagem mediática do "brazuca" que persiste, fruto de décadas de consumo de novelas, músicas e até notícias produzidas em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo.

"A minha perceção é de que a maioria dos portugueses não consegue distinguir o sítio de onde vêm os brasileiros só pelo sotaque ou pela conversa inicial. A maioria olha para o conjunto de pessoas que vêm do Brasil apenas como brasileiros", explica Jorge Malheiros.

"Quando eu falo que nasci lá no Tocantins, as pessoas cá acham que é perigoso, que aparecem cobras de dois metros na sanita ou que existem lá aranhas gigantes", conta ao DN o *digital influencer* Cleyton Lavina, de 39 anos. Natural de Araguaína, cidade no Norte do Estado do Tocantis, ele e o marido vivem em Viseu há dois anos. Mudaram-se depois de terem de encerrar, devido à pandemia, as lojas de cosméticos que tinham.

A proximidade da cidade natal com o Estado vizinho, o Pará, fez com que o tocantinense passasse boa parte da vida na capital, Belém, e adotasse a cultura paraense como sua própria. É assim que hoje diz que "faz a diferença" em Portugal: a desmistificar a imagem que "as novelas da Globo criaram". "Faço encontros da comunidade paraense cá, mas tenho outros projetos, que vão englobar a cultura brasileira no geral. Quero fazer aquela roda de samba, trazer aquele forró do Nordeste", conta.

Bem-humorado, o *digital influencer* acredita que a imagem dos brasileiros em Portugal "já está a mudar", principalmente com a presença dessa mistura cultural. Algo que o artista plástico e músico Jhon Douglas, de 35 anos, também percebe. Natural de Vilhena, pequena cidade do

1 **Jhon Douglas no seu estúdio, Mato Atelier, aberto em 2023 na Penha de França. Questionado se produz quadros por encomenda, responde a rir: "Atualmente eu não faço nada, só sou pai." Sebastião já tem creche garantida para breve, quando Jhon acredita que voltará a ter um pouco mais de tempo para o ateliê.**

REINALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGENS

AS VAGAS

PRIMEIRA
Oficialmente datada por investigadores com início no final da década de 80, traz principalmente pessoas do Estado de Minas Gerais. São profissionais qualificados, como médicos dentistas.

SEGUNDA
No final da década de 90 chegam brasileiros com menor nível de instrução profissional, que vão trabalhar para a construção civil, serviços gerais e comércio. A Área Metropolitana de Lisboa e o Algarve tornam-se destino, por concentrarem obras de grandes projetos.

TERCEIRA
Em 2012, com as medidas para recuperação da crise económica, chegam cada vez mais empresários e investidores de alto nível, muito atraídos pelos vistos *gold*. Mas são os estudantes que ganham destaque, com a criação do Estatuto do Estudante Internacional, em 2014, e passam a encher as universidades de norte a sul.

QUARTA
A vaga da diversidade traz pessoas de vários Estados, com vários níveis de formação e áreas profissionais, motivada pela sensação de insegurança crescente no Brasil, descontentamento com a situação económica e a política. Começa na transição dos governos Dilma-Temer.

2 **Glenda, no Gerês, a comer açaí. A amapaense explica, cheia de bom humor, que o preparo do fruto que mais se popularizou pelo mundo, com misturas de vários *toppings*, fere "gravemente" a cultura nortista: "Isso não é açaí." Diz que paga o que for preciso quando encontra algum sítio com "o verdadeiro" preparo deste símbolo amazónico.**

3 **Cleyton é fã da paraense Joelma e organiza o primeiro encontro de fãs da cantora em Portugal. Quer "levar a cultura do Pará para fora" e diz que o conceito dos portugueses sobre os brasileiros já "está a mudar".**

Estado de Rondônia, dentro da área da Amazónia brasileira, relata que já "existe esse entendimento sobre o Brasil", mesmo que "algo ainda folclórico" permaneça.

A residir em Lisboa desde 2015, acredita que a vida por cá pode ter, sim, manhãs com pastel de nata, Gal Costa, Caetano Veloso e *croissant*. Este verso da sua canção autoral *Rua das Tretas* representa o *mix* que, para Jhon, nasce como um dos saldos positivos da imigração. "Há quem ache que viemos para atrapalhar; há quem entenda que podemos somar. Na comunidade artística, por exemplo, quando vêm produtores brasileiros e começam a executar trabalhos de uma outra forma, isso motiva também a comunidade portuguesa a realizar algo diferente. É uma cena de integração", reflete o artista.

No trabalho, Jhon mantém a identidade de "um Brasil profundo", em referência às suas raízes. Agora é também pai de um "cidadão português filho de estrangeiros", como consta no B.I. do filho, Sebastião, de um ano. O imigrante ressalta que vai continuar a provocar a nova geração a refletir sobre o que se passa tanto na terra onde nasceram como naquela onde vivem agora. Ele é o exemplo de que é possível manter duas culturas e estar atento aos problemas de ambos os países. "Sou de Rondônia mas vivo os problemas de cá. Este é um período bem 'maluco' e a posição dos artistas é bem significativa neste momento. Tento usar todo esse contexto de onde sou e do que estou a passar aqui", diz, sem tretas.

caroline.ribeiro@dn.pt

REINALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGENS

Luís Goes Pinheiro, presidente da AIMA desde a sua criação, que aconteceu há um ano.

Partidos pressionam presidente da AIMA e querem “saber o que falhou”

MIGRAÇÕES Goes Pinheiro é ouvido pelos deputados. Toda a oposição quer esclarecimentos sobre as falhas no serviço da agência. Ministro da Presidência também vai falar no Parlamento.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO***

O Bloco de Esquerda recorda que “o presidente do conselho diretivo da Agência para a Integração, Migrações e Asilo [AIMA]” disse que “em pouco tempo, no máximo um ano e meio, teria todas as pendências regularizadas, que seriam tomadas várias medidas”, porém “nada disso aconteceu”. Como tal, dizem os bloquistas, Luís Goes Pinheiro deve ser ouvido no Parlamento. É isso que acontece hoje, a partir das 16h00, na Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias.

Foi, aliás, o partido de Mariana Mortágua, juntamente com outros dois requerimentos (de PCP e Livre), que chamou o responsável à 1.ª Comissão. Ao DN, Fabian Figueiredo, líder parlamentar bloquista, promete não desarmar na procura por respostas. Afinal, “chegou a registar meio milhão de pendências, ou seja, meio milhão de pessoas com a vida congelada”, porque o Estado “não foi capaz de tratar do processo administrativo”. “Queremos ouvir o presidente para saber o que falhou”, remata o líder da bancada.

Já o Livre, sabe o DN, vai focar-se essencialmente em quatro tópicos: apreciação do plano das migrações do governo, o que estão a fazer para recuperar os processos em atraso, esclarecimentos sobre as notificações remetidas e as faltas e carências de recursos da AIMA. No requerimento em que pedia a audição de Luís Goes Pinheiro o partido – que estará representado pelo deputado Paulo Muacho – refere também que, além da “notificação para pagamento de quase 400 euros” para a taxa de emissão da autorização de residência, houve ainda um “envio massivo” de *e-mails* a quem pediu títulos de residência “de que nem todas as delegações regionais alegadamente teriam conhecimento”. Isto, argumenta o partido, faz com que António Leitão Amaro, ministro da Presidência, também deva prestar esclarecimentos aos deputados.

> O plano para as migrações, as falhas administrativas e a demora em resolver processos serão os temas que os deputados vão abordar na audição ao presidente da AIMA.

Para o PAN, este é um não assunto. O partido, que só está representado pela deputada Inês Sousa Real, disse apenas ainda não ter reunido “desde que o tema foi falado” e não quis alongar-se na abordagem que vai tomar na comissão.

Ainda à esquerda, o PCP deverá adotar uma estratégia diferente, preferindo focar-se “no poder político” (ou seja, no próprio ministro), em vez do presidente da AIMA. E, por conta dos comunistas, a imigração não sairá da agenda parlamentar esta semana: o partido liderado por Paulo Raimundo fixou a ordem do plenário de quinta-feira, com a AIMA a voltar ao debate nesse dia.

Olhando para o outro lado do espetro político, a Iniciativa Liberal fala num “problema grave” na área das migrações. Tal como o BE, os liberais relembram as palavras de Luís Goes Pinheiro aquando da tomada de posse – em que “garantiu que recuperar as pendências era a sua máxima prioridade”. Mas, no entanto, aponta a IL, “o número de processos pendentes continuou a aumentar de forma preocupante”. Por isso “será importante que explique por que se continua a agravar e que medidas estão a ser tomadas para regularizar a situação”.

Já o Chega, pela deputada Cristina Rodrigues, diz querer perceber, “do ponto de vista legal”, que melhorias considera o responsável que devem ser feitas “de forma a se poder agilizar os processos”. E há ainda uma “grande questão”: com a falta de recursos humanos que existe, “como vão conseguir, ao mesmo tempo que resolvem as pendências, não baixar a exigência na avaliação dos processos?”

Questionado pelo DN sobre a audição de hoje, Luís Goes Pinheiro guardou “todos os esclarecimentos” para a altura em que falar aos deputados.

PS, PSD e CDS-PP foram também contactados para perceber quais as suas perspetivas, mas não foi obtida nenhuma resposta.

Plano das migrações pode vir a ser discutido no Parlamento

No entanto, na semana passada os socialistas anunciaram que vão pedir uma “apreciação parlamentar” ao plano para as migrações que o governo apresentou. Segundo o deputado Pedro Delgado Alves, o objetivo “não é voltar ao que já existia”, como o regime das manifestações de interesse. Ao invés disso, querem os socialistas motivar uma “reflexão alargada sobre como garantir um regime transitório” para as pessoas que não cumprem os requisitos de regularização na totalidade.

Em declarações ao DN, o deputado afirmou querer “construir uma solução que seja equilibrada e que, idealmente, arranje um mecanismo que continue a funcionar”.

Pedro Delgado Alves não adiantou, contudo, qual a estratégia que o PS vai utilizar para ter apoio nesta revisão do plano. “Sabemos que não podemos contar com o Chega, mas temos o apoio de todos os demais partidos de esquerda. É matemática, temos de dialogar com o PSD. O PSD não fecha por completo a porta a ter de reavaliar este tema”, apontou. “A esperança que temos é de que o governo perceba que a solução que construiu não é suficiente e pode gerar problemas e que tem essa recetividade de ajudar a evitar problemas maiores. O nosso objetivo é resolver um problema, não é criar outro”, vincou. Mas, para já, a apreciação do plano só deverá acontecer em setembro, após o período de férias parlamentares.

* **Com AMANDA LIMA e VÍTOR MOITA CORDEIRO**

rui.godinho@dn.pt

Ordem dos Advogados critica governo por falta de avanço no protocolo com a AIMA

SOLUÇÕES OA também defende que medida de criar tribunais administrativos não é solução para acelerar as pendências . "Não vai resolver", diz a vice-presidente.

TEXTO **AMANDA LIMA**

A Ordem dos Advogados (OA) espera ter um avanço no protocolo negociado para que profissionais ajudem nos processos de regularização de imigrantes e requerentes de asilo. O protocolo foi assinado a 5 de março deste ano, poucos dias antes das eleições legislativas que deram vitória ao PSD. "Neste momento, nem esse protocolo foi renegociado com a Ordem dos Advogados, nem consta no pacote de medidas apresentadas pelo governo", relata Lara Roque Figueiredo, vice-presidente da OA. "Nós estamos a tentar dialogar com os ministérios que estão com estas pastas, essas reuniões estão a decorrer, mas até ao momento ainda não há objetivamente nenhum avanço nesta matéria em termos práticos", conta a jurista. O DN tentou uma resposta do governo sobre o tema. "O que nos preocupa é que as pessoas continuam sem resposta", complementa.

O protocolo previa a criação de um concurso público em que advogados e solicitadores pudessem analisar a documentação dos imigrantes nos processos de residência. Para o efeito, um sorteio iria definir quais os casos que os profissionais iriam analisar.

Segundo a advogada, em vez de avançar com o entendimento com a OA, o caminho anunciado, o governo colocou no Plano para as Migrações a criação de um tribunal especializado e exclusivo para questões de imigração e asilo. Mas a OA não se revê nesta solução. "Não é um problema judicial", explica a vice-presidente.

Duas são as principais preocupações da jurista. Uma delas é que os tribunais portugueses não estão preparados com meios humanos e materiais para o possível volume de processos. "Em tese, em teoria, nenhum tribunal está preparado para receber esta magnitude de pedidos", diz em referência à pendência de 400 mil processos herdados do antigo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF).

A segunda preocupação citada pela profissional é que nem todos os cidadãos podem ter a possibilidade de um acompanhamento jurídico. "Essas pessoas encontram-se num tribunal apenas e só para ouvir aquilo que eles têm a dizer, sem serem conhecedores dos seus direitos relativamente a esta matéria, sem estarem acompanhados por um profissional que defenda os seus interesses", pontua. Ao mesmo tempo, explica que a procura de uma solução na justiça é um direito.

A medida foi sugerida pelo Conselho Superior da Magistratura (CSM), com o objetivo de ajudar a responder à demanda cada vez maior de processos. Conforme a ministra da Justiça, Rita Alarcão Júdice, afirmou à Lusa no início do mês, o trabalho de criação destes tribunais já está em andamento.

A OA defende que os serviços públicos precisam de funcionar. "É uma questão que nós entendemos que poderia ser resolvida pela via administrativa", finaliza a jurista.

"Nós estamos a tentar dialogar com os ministérios que estão com estas pastas, essas reuniões estão a decorrer, mas até ao momento ainda não há objetivamente nenhum avanço."

Lara Roque Figueiredo
Vice-presidente da OA

amanda.lima@dn.pt

BREVES

BE quer ouvir PGR no Parlamento. PCP e Livre apoiam

A coordenadora do BE, Mariana Mortágua, defendeu a audição da procuradora-geral da República, Lucília Gago, no Parlamento para apresentar o relatório de atividades do Ministério Público, salientando que este órgão "não está acima do escrutínio democrático". "Faz sentido que a procuradora-geral da República possa ir ao Parlamento explicar o relatório de atividades do Ministério Público, o Bloco de Esquerda tomará a iniciativa nesse sentido, faz sentido que assim seja", considerou a coordenadora bloquista em declarações aos jornalistas, após uma reunião com o chefe da missão diplomática da Palestina em Portugal, Nabil Abuznaid. Segundo o jornal *Expresso*, PCP e Livre apoiam a iniciativa, com o PS a manter-se em silêncio para já. O PAN, diz o mesmo jornal, avançará com um requerimento próprio.

Caso Gémeas. Costa aguarda condições do parlamento

O antigo primeiro-ministro António Costa disse ontem que vai depor na comissão parlamentar de inquérito ao caso das gémeas tratadas com o medicamento Zolgensma, aguardando que a Assembleia da República indique as condições em que o pode fazer. "Aguardo que a Assembleia da República me diga e em que condições é que eu posso depor, mas claro que deporei, se há essa deliberação", afirmou, em Leiria. Quando questionado sobre se vai depor presencialmente ou por escrito na comissão respondeu não ter sido "notificado de nada". O antigo chefe do executivo adiantou ter sabido da aprovação da sua audição pela comunicação social. Na semana passada, PSD, IL e CDS-PP aprovaram o requerimento do Chega para a audição do antigo primeiro-ministro pela comissão parlamentar.

Opinião
Bernardo Ivo Cruz

E com a guerra perdeu-se uma nova legitimidade para a ONU

Quando terminou a 2.ª Guerra Mundial, o mundo estabeleceu um conjunto de organizações internacionais, criadas "para garantir que os horrores do conflito não mais se repetiriam", como lembrou a rainha Isabel II ao então presidente Trump, acrescentando que, "embora o mundo tenha mudado, estamos sempre cientes do objetivo original destas organizações: nações a trabalharem juntas para proteger a paz."

De facto, o mundo mudou muito e passados quase 80 anos sobre o fim da guerra há queixas recorrentes sobre a representatividade das organizações internacionais, nomeadamente a composição do Conselho de Segurança da ONU, que já não corresponde à legitimidade internacional do século XXI. Com efeito, e com exceção da China, os outros membros permanentes – os únicos cinco países do mundo que têm direito de vetar as decisões com que não concordam – são os países vencedores da 2.ª Guerra Mundial. O órgão executivo do poder mundial não acompanhou os ventos de mudança que varreram o planeta nos anos desde a criação das Nações Unidas.

Na procura de uma nova legitimidade para o Conselho de Segurança, as Nações Unidas têm discutido longamente a possível entrada, entre outros, da África do Sul, do Brasil e da Índia como membros permanentes. Três grandes democracias que, de alguma forma, representariam a história e a visão do mundo a partir de África, da América Latina e da Ásia e que poderiam equilibrar e reforçar o Conselho e as Nações Unidas.

Quando a Rússia – um dos cinco países a quem o mundo reconhece responsabilidades especiais na gestão da paz – invadiu a Ucrânia, em clara violação da Carta das Nações Unidas, a Assembleia-Geral da ONU aprovou uma resolução a favor da Ucrânia por 141 votos a favor, 35 abstenções e 5 votos contra. Os números, que se mantiveram genericamente semelhantes desde então, confortam quem entende que o multilateralismo e o direito internacional devem ser os instrumentos para a resolução dos problemas, dificuldades, aflições e crises do mundo.

No entanto, nas manifestações quase unânimes de apoio à Ucrânia, a África do Sul, a Índia e o Brasil têm demonstrado reservas. Haverá muitas razões que explicam que as democracias que o mundo considera quando procura formas de renovar o papel das Nações Unidas assumam uma posição neutral perante uma violação clara dos princípios em que o multilateralismo se funda. Não sendo este o lugar para as discutir, é quando mais precisamos de um multilateralismo eficaz que o muito complexo processo para uma legitimidade reforçada do Conselho de Segurança e da ONU se perde. E perdemos todos.

"É quando mais precisamos de um multilateralismo eficaz que o muito complexo processo para uma legitimidade reforçada do Conselho de Segurança e da ONU se perde. E perdemos todos.

Professor convidado IEP/UCP.

Apoio a PSD? Chega, IL e PAN contrariam versão do representante da República

MADEIRA Ireneu Barreto disse ter "garantias" de que o programa de governo do PSD seria aprovado e agora aponta responsabilidades aos partidos que mudaram de posição. Ao DN, todos negam esta versão. Marcelo confiou na palavra dada e avisa, por isso, que o "poder" está nas mãos do representante da República, o "único que é competente para decidir".

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

"A solução apresentada pelo partido mais votado, o PSD – que tem um acordo de incidência parlamentar com o CDS, e a não hostilização, em princípio, do Chega, do PAN e da IL – terá todas as condições de ver o seu programa aprovado na Assembleia Legislativa".

A frase, proferida a 28 de maio, é de Ireneu Barreto. Nesse mesmo dia, o representante da República para a Madeira tinha outra certeza: a solução PS e JPP "não tem qualquer hipótese de ter sucesso na Assembleia Legislativa".

Quatro dias depois, a 1 de junho, Marcelo Rebelo de Sousa, perante o anúncio de que o PS iria votar contra a moção de confiança de que depende a aprovação do programa, endossou as responsabilidades do que pudesse acontecer para quem leu nas palavras dos partidos "todas as condições".

"Não vejo neste momento, depois do que disse o representante da República, hipótese de não se verificar o cenário que, segundo ele disse, os partidos comunicaram que iriam criar", afirmou o Presidente.

Explicação seguinte? Ireneu Barreto "decidiu formar um governo numa determinada base, invocando nomeadamente que tinha a maioria para ver o programa do Governo viabilizado e depois o orçamento da região viabilizado (…) foi uma opção livre do único que é competente para decidir".

Sublinhado? Ireneu Barreto "disse que o programa do governo e o orçamento estavam, em princípio, com a sua viabilidade garantida".

O Presidente espera agora que o representante da República, que "concordou com a ideia" de "retirar o programa para negociar com negociações complementares com os partidos políticos", que aguarde para saber "se tiveram sucesso ou não tiveram sucesso e no fim avança com aquilo que só ele tem o poder que é o poder de formar o Governo".

HOMEM DE GOUVEIA/LUSA

PSD e governantes de Albuquerque reuniram ontem com dirigentes de CDS, Chega, PAN e IL.

O que está por explicar

Ontem, o representante da República para a Madeira não explicou o sentido da sua argumentação da "não hostilização" de Chega, Il e PAN, que usou para viabilizar o governo de Miguel Albuquerque, preferindo apontar responsabilidades aos partidos.

"Houve quem tivesse mudado" de posição. Quem? Não explicou. Apesar da insistência do DN, junto do representante da República, a pergunta ficou sem resposta.

Nuno Morna, o demissionário líder da IL-M, garante ao DN que "nunca" deu a Ireneu Barreto garantias de que ia deixar passar o programa de Albuquerque. "Nem me foi perguntado", adianta. Explicação? "Só se Albuquerque lhe disse que tinha apoios que, no nosso caso, nem pediu e também não ia ter", afirma. O que estava previsto fazer no dia da votação? "Votar contra".

Miguel Castro, líder do Chega regional, também é claro na resposta ao DN. "Não" deu em nenhum momento garantias de viabilizar o programa de governo.

Mónica Freitas, do PAN, esclarece ao DN que só disseram que "teríamos que analisar o programa e senão houvesse nada contra os nossos princípios que estariamos dispostos a deixar passar". Tal como Chega e IL, também o PAN não deu garantias certas de viabilização.

O JPP, ontem, em comunicado, lamentou que as declarações públicas do representante da República "sirvam apenas para adensar dúvidas e colocar todos os partidos no mesmo saco, quando deveria, por dever institucional e à verdade, separar os partidos que honraram a palavra dada dos que fazem política sem ética e com base na mentira".

Ireneu Barreto garante que "houve quem tivesse mudado", porém nenhum dos partidos [Chega, IL e PAN] confirma a versão do representante da República que recusa "retirar consequências políticas dessa não aprovação, pois (...) o Governo Regional assenta exclusivamente na Assembleia Legislativa, e só este órgão pode demitir o Governo (…) nem o representante da República nem mesmo Sua Excelência o Presidente da República o poderiam fazer".

A frase de Ireneu Barreto omite, no entanto, que decorridos os prazos constitucionais é possível a dissolução da Assembleia Legislativa, por iniciativa presidencial, e por consequência a queda do Governo.

Ontem, o representante da República, que não equaciona nas suas palavras outro cenário político para além do atual com o PSD, disse esperar que "todos os responsáveis políticos coloquem o acento tónico da sua ação no interesse superior da nossa Região e que, em breve, esta seja dotada de um programa de governo e um orçamento que nos tragam estabilidade".

As expressões, por coincidência, correspondem ao léxico político, nas últimas semanas, de PSD e CDS. Até mesmo os "inconvenientes decorrentes do regime de duodécimos".

Mudanças nas últimas horas? O Chega, que diz continuar a insistir na saída de Albuquerque "até aos últimos instantes" das negociações com o PSD, já admite aprovar um novo programa do governo porque isso lhes permite uma "fiscalização mais apertada sobre o PSD", mas "não está garantido nenhum entendimento para já". O que diz Ventura? Só "num cenário de absoluta necessidade, de absoluta instabilidade e caos".

No PAN, o que era problema até 26 de maio, dia das eleições, já deixou de o ser. O que era "um fator de instabilidade" e que levou o partido a retirar a confiança política a Albuquerque "já foi legitimado pela população" nas eleições. Ou seja: deve haver "diálogo e maturidade política dos partidos" e o representante da República deve "chegar-se à frente" que "também tem de ter responsabilidades".

A IL sem dar garantias assegura, diz Nuno Morna, ter "uma postura, ao contrário de outros, dialogante. A IL vem numa postura de diálogo e abertura".

O Governo Regional da reuniu-se ontem com Chega, IL e PAN de forma conseguir consensualizar propostas para um novo programa. PS e JPP também foram convidados, mas recusaram estar presentes – não confiam em Miguel Albuquerque e no PSD.

Escolas preparam-se para um ano de fortes alterações nos respetivos corpos docentes.

MARIA JOÃO GALA/GLOBAL IMAGENS

Preparação do próximo ano letivo está "muito atrasada"

EDUCAÇÃO Diretores escolares alertam para a necessidade da disponibilização de informação essencial às escolas. Não são ainda conhecidos os moldes do novo Plano de Recuperação de Aprendizagens, tal como o resultado do concurso de professores.

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

"Todos os anos há orientações para o próximo ano letivo em junho. O último despacho da organização do ano letivo data de 2018 e têm sido dadas orientações pelos ministros anteriores. Agora não há informações nenhumas sobre o próximo ano letivo. Não sabemos se vai haver ou não alterações." O alerta é de Arlindo Ferreira, diretor do Agrupamento de Escolas Cego do Maio e autor do blogue ArLindo (dedicado à educação). O responsável entende que "a preparação do novo ano letivo está muito atrasada". Falta, segundo o diretor escolar, o esclarecimento sobre o novo Plano de Recuperação de Aprendizagens, entre outras informações. Recorde-se que o governo fez saber, em fevereiro, que iria implementar um novo plano de recuperação de aprendizagens, denominado A+A – Aprender mais agora. A intenção é dar mais autonomia a agrupamentos e escolas públicas, bem como reforçar recursos para apoiar alunos, capacitar docentes na implementação de tutorias e reforçar os créditos horários. Contudo, os diretores ainda não sabem os termos do novo plano. "É preciso saber se, por exemplo, haverá continuidade de programas como o Plano Nacional de Desenvolvimento Pessoal, Social e Comunitário, que conta com psicólogos, assistentes sociais e outros técnicos. À data, ainda não sabem se irão ou não continuar em funções", adianta Arlindo Ferreira.

Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP), acredita na continuidade dos programas em vigor. "Os programas que contam com técnicos especializados não me passa pela cabeça que possam não se manter. Devem continuar nas escolas e é preciso que isto seja confirmado", afirma, pedindo, por isso, que esse passo seja dado "rapidamente", para os diretores prepararem "o ano letivo".

Entre as preocupações dos diretores está também o resultado do concurso dos professores. "É ano de grande concurso e as escolas estão à espera de novos professores. Os corpos docentes vão ser renovados. O resultado do concurso é muito importante, pois vai haver grandes alterações", explica o responsável da ANDAEP, lembrando que "os diretores preparam o próximo ano com base nos professores e têm de saber com o que contam no mais curto espaço de tempo". Arlindo Ferreira é da mesma opinião e acrescenta que, apesar do resultado sair "nesta altura do ano, desta vez deveria saber-se mais cedo, porque vai haver grandes mudanças. Ninguém sabe com que professores pode contar no próximo ano", até porque há muitos que vão mudar de escola, salienta. Assim, explica, "passam a ser as direções a decidir o próximo ano sem envolver os professores e significa também que, durante o mês de agosto, os diretores terão de trabalhar muito para conseguir preparar tudo".

> "É ano de grande concurso e as escolas estão à espera de novos professores. Os corpos docentes vão ser renovados", lembra Filinto Lima, presidente da ANDAEP.

Decisão sobre as provas de aferição ainda não é conhecida

O Programa do Governo entregue na Assembleia da República em março dava conta de mudanças na avaliação externa, com novas provas de aferição nos 4.º e 6.º anos a Português, Matemática e a uma terceira disciplina rotativa a cada três anos, em substituição das provas de aferição atualmente em vigor. Essa intenção de alterações ainda não saiu do papel e os diretores escolares querem esclarecimentos o mais rápido possível, pois a decisão terá implicações na organização do próximo ano letivo. "Há muitas decisões que as escolas tomam tendo em conta as provas. Se mudarem para o 4.º e 6.º ano, a planificação terá de ser diferente", explica Arlindo Ferreira.

As preocupações sobre as provas também incluem os resultados das que já foram realizadas, não havendo ainda previsão da sua divulgação. Recorde-se que os resultados das provas de 2022-2023, responsabilidade do governo de António Costa, só foram conhecidos em dezembro de 2023, uma situação que os diretores escolares não querem que se repita. "O ideal seria que os resultados das provas de aferição saíssem nos próximos dias. Se saírem em julho, ainda dá tempo para preparar estratégias para os alunos. O que peço é que saia nas próximas semanas, antes da pausa do mês de agosto. E, se não saírem, que seja no início de setembro, antes do arranque do ano escolar", vinca Filinto Lima.

Mobilidade por doença

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, promulgou, há dois anos, o diploma do governo que estabeleceu o regime de mobilidade de docentes por motivo de doença, mas alertou para a necessidade de ser "ulteriormente avaliado". E é isso que pretendem os diretores escolares, para quem a Lei da Mobilidade por Doença (MPD) é injusta para os docentes que dela necessitam. O Ministério da Educação tem agendada para amanhã uma primeira reunião de negociação com os sindicatos.

"O Presidente Marcelo Rebelo de Sousa promulgou o diploma, mas disse que daí a dois anos a lei teria de ser avaliada. E é isso que queremos. Houve muitos docentes prejudicados. São professores gravemente doentes, com doenças como cancro, e que ficaram longe das suas casas. Isto tem de ser visto rapidamente", pede Filinto Lima. Arlindo Ferreira também mostra preocupação e avança que um atraso no concurso de MPD interfere com questões burocráticas obrigatórias. "Até abrir o concurso, fica tarde para os professores pedirem a documentação, que envolve atestados médicos e de residência", esclarece.

Calendário escolar não satisfaz diretores escolares

A consulta pública da proposta de calendário escolar (para os próximos quatro anos letivos) já terminou, mas o calendário definitivo ainda não foi divulgado. E a "grande crítica" de Filinto Lima é a proposta de término para o 1.º ciclo. "Não está explicado porque é que o pré-escolar e o 1.º ciclo, mais uma vez, vão ter mais duas semanas de aulas que os outros ciclos, não se sabe por que razão isso acontece. Os diretores e os pais não entendem e a crítica que faço é a falta de clarificação. Isto precisa de ser clarificado. A pergunta é: porquê?"

Apesar de todas as preocupações de Filinto Lima, o presidente acredita que o próximo ano letivo começará "com um clima de paz e tranquilidade". "Terminamos este ano com mais estabilidade e paz. O acordo que foi feito para a recuperação do tempo de serviço acalmou os professores e foi muito positivo. E, nessa perspetiva, acredito que vamos dar um arranque do novo ano letivo tranquilo, com paz e estabilidade", conclui o presidente da ANDAEP.

"Construir a tecnologia com o fim de desempenhar o papel de Deus seria um equívoco"

IA O futuro próximo trará uma onda de inovações em setores tão diversos como a biologia sintética, a inteligência artificial e a ciência da computação. O empresário e pensador Mustafa Suleyman, CEO da Microsoft IA, olha para a tecnologia e balança entre duas visões: um futuro de riqueza mas também com muitas ameaças. Pede contenção e avança com propostas.

TEXTO **JORGE ANDRADE**

"Não estamos preparados." A expressão lacónica baila na apresentação do livro de Mustafa Suleyman, cofundador da DeepMind, uma das principais empresas de inteligência artificial (IA), ecoa ao longo das páginas do livro que assina em parceria com o escritor Michael Bhaskar, *A Próxima Vaga – Inteligência Artificial, Poder e o Grande Desafio do Século XXI* (edição Clube do Autor). Para o autor britânico, CEO da Microsoft IA, não estamos preparados para o momento crucial da história da nossa espécie, face aos desenvolvimentos da IA. Em breve a IA vai gerir negócios, produzir conteúdo digital ilimitado, será responsável pelos principais serviços públicos e manutenção de infraestruturas. A humanidade passará a viver num mundo de impressoras de ADN, computadores quânticos, assistentes robôs, patogénicos artificialmente criados. Para Suleyman há que ponderar a questão da contenção, a tarefa de manter o controlo sobre as tecnologias. E elege-a como o grande desafio do nosso tempo.

Para o cofundador da empresa Inflection AI, "quase todas as culturas têm um mito do Dilúvio [...] As cheias também marcam a história num sentido literal [...] O asteroide que matou os dinossauros criou uma onda com mais de um quilómetro de altura [...] O poder absoluto destes vagalhões ficou marcado na consciência coletiva [...] Outros tipos de vagas têm sido igualmente transformadoras [...] Ondas metafóricas: ascensão e queda de impérios e religiões, explosões de comércio", escreve Suleyman a abrir o capítulo 1 do livro. Ao correr da leitura de *A Próxima Vaga* o autor parte para um evento que está a chegar, "uma onda de tecnologia, construída em torno da IA, mas também de algumas outras tecnologias, como a biologia quântica. Quando olhamos para a história humana numa visão muito profunda, podemos ver que ela foi marcada por sucessivas ondas de tecnologia, desde o fogo e ferramentas de pedra até à escrita, à era do vapor e à da eletricidade. Estas ondas definiram sempre as civilizações e as suas capacidades. Esta nova onda faz então parte de uma longa sequência, mas acredito que poderá vir a ser a mais importante até agora", sintetiza.

A PRÓXIMA VAGA
Mustafa Suleyman e Michael Bhaskar
Clube do Autor
376 páginas

Sobre a onda iminente de tecnologia e o seu significado para a humanidade, o autor, nascido em 1984, deixa a pergunta à IA no prólogo ao seu livro. Eis a resposta da máquina: "Nos anais da história, há momentos que se destacam como pontos de viragem, em que o destino da humanidade está em jogo [...] nunca antes vimos tecnologias com um potencial tão transformador, prometendo remodelar o nosso mundo de formas simultaneamente inspiradoras e assustadoras [...] Os benefícios potenciais destas tecnologias são vastos e profundos [...] Por outro lado, os perigos potenciais destas tecnologias são também vastos e profundos. Com a IA podemos criar sistemas que escapam ao nosso controlo e ficar à mercê de algoritmos que não compreendemos [...] A era da tecnologia avançada aproxima-se e temos de estar preparados para enfrentar os seus desafios."

Na linha da IA, embora procurando respostas alicerçadas na inteligência humana, Mustafa Suleyman diz acreditar que esta nova onda de tecnologia está a levar a história humana a um ponto de viragem. E escreve que "estamos perante um dilema que já debati à porta fechada. O dilema a que me refiro no livro é o de estarmos a criar ferramentas de poder crescente mas sem a garantia de um bom resultado, o que aumenta o risco de caírem nas mãos de maus atores. No entanto, não podemos simplesmente parar de produzi-las, porque os incentivos à sua concretização estão extremamente enraizados, mas também porque precisamos delas. Ficamos, portanto, com um caminho estreito que devemos percorrer para entregar com sucesso e segurança à humanidade algo como a IA".

Mustafa Suleyman acredita que esta nova onda de tecnologia está a levar a história humana a um ponto de viragem.

Uma onda semelhante a um maremoto

O escritor aproxima esta onda presente de um maremoto, como detalha nas páginas do livro: "Em 2010, quase ninguém falava seriamente sobre IA. No entanto, o que antes parecia uma missão de nicho para um pequeno grupo de investigadores e empresários tornou-se agora um vasto empreendimento global. A IA está em todo o lado, nas notícias e no *smartphone* do leitor, a negociar ações e a criar sítios na Web [...] Uma vez amadurecidas, estas tecnologias emergentes espalhar-se-ão rapidamente, tornando-se mais baratas, mais acessíveis e amplamente difundidas por toda a sociedade". Em breve qualquer pessoa poderá montar um laboratório de genética em sua casa, enfatiza, acrescentando que "haverá a tentação de manipular o genoma humano. Também a de criarmos um vírus concebido por IA que poderia causar mais de mil milhões de mortes numa questão de meses". Face ao cenário traçado, deixamos a pergunta: como podemos travar isto? Responde o empresário: "A sua pergunta envolve uma resposta complexa. De uma forma mais ampla, a resposta faria parte daquilo a que chamo de contenção, ou seja, um conjunto alargado e abrangente de medidas sociais, políticas e tecnológicas interligadas que garantiriam que manteríamos a tecnologia firmemente sob o controlo das nossas sociedades."

A questão da contenção perpassa os vários capítulos do livro de Suleyman: "Engloba regulamentação, melhor segurança técnica, novos modelos de governação e de propriedade e novos modos de responsabilização e transparência, todos eles precursores necessários (mas não suficientes) de uma tecnologia mais segura", pormenoriza no capítulo três.

Um caminho de contenção

Sobre se a IA nos põe, para já, em risco enquanto espécie, na ânsia de desempenharmos o papel de Deus criador e destruidor, o autor de *A Próxima Vaga* realça que "é importante dizer, em primeiro lugar, que neste momento a IA não ameaça a espécie humana. As discussões mais extremas sobre riscos existenciais são absolutamente hipotéticas e não baseadas na situação atual da tecnologia. Isso não significa que não devamos ter cuidado. Construir a tecnologia com o fim de desempenhar o papel de Deus, como refere, não de-

"Não há aqui uma varinha mágica, mas penso que a IA pode ajudar a gerir a energia de forma muito mais eficiente, produzir novos materiais para baterias e energia solar, por exemplo, afirmar o seu pioneirismo na energia de fusão, monitorizar os impactos de forma mais abrangente e eficiente."

veria, de forma alguma, ser uma motivação. Seria um equívoco. Deveríamos, sim, construir tecnologia por razões muito concretas e específicas, ou seja, para tornar a vida melhor, mais fácil, mais feliz e mais segura para os indivíduos em todo o mundo".

Mustafa Suleyman revela-se crítico em relação à possibilidade de os Estados travarem estas tecnologias. "Critico a ideia de que deveríamos simplesmente detê-las. Em primeiro lugar, penso que é impraticável fazê-lo, tendo em conta os fatores determinantes no desenvolvimento das tecnologias e, em segundo lugar, precisamos realmente destas para manter a sociedade em movimento. No entanto, isso não significa que os Estados não devam regular, moldar ou mesmo retardar o desenvolvimento tecnológico. Na verdade, aludo as estas três formas de contenção no meu livro. É precisamente fazendo isto de modo criterioso que garantiremos que as vantagens superem os riscos."

"Precisamos de legislação, precisamos de supervisão governamental, precisamos da participação pública em todos os itens que já enunciei. Durante anos trabalhei com organismos nacionais e internacionais nesta matéria. É encorajador ver até que ponto eles realmente avançaram em relação a essas questões", conclui o autor.

"É importante dizer, em primeiro lugar, que neste momento a IA não ameaça a espécie humana. As discussões mais extremas sobre riscos existenciais são absolutamente hipotéticas e não baseadas na situação atual da tecnologia."

Descascar a cebola em dez passos

O pensador escreve no livro que apresenta aos escaparates nacionais que "a civilização moderna assina cheques que só o desenvolvimento tecnológico contínuo pode descontar". A frase suscita-nos a pergunta: não serão estes cheques um perpétuo incentivo às grandes empresas tecnológicas para ultrapassarem limites antes proibidos?. Suleyman responde com uma pergunta: "Se congelássemos de alguma forma o desenvolvimento social e técnico na sua forma atual, acha que o nosso modo de vida moderno poderia simplesmente continuar indefinidamente?" E responde à questão que deixa: "Isso é extremamente improvável. Ao invés, quase tudo se baseia no crescimento económico contínuo, na melhoria dos padrões de vida e na resolução dos problemas de hoje. As novas tecnologias apresentam riscos, sim, mas avançar sem elas também acarreta riscos enormes e provavelmente catastróficos."

De regresso ao tema da reparação de danos/evitar a catástrofe, o livro de Mustafa Suleyman alicerça-se em "dez passos", "dez ideias apresentadas como círculos concêntricos. Começamos de forma pequena e direta, perto da tecnologia, concentrando-nos em mecanismos específicos de imposição de restrições desde a conceção. A partir daí, cada ideia ganha progressivamente amplitude, subindo uma escada de intervenções [...] rumo aos atos não técnicos [...] novos incentivos comerciais, reforma do governo, tratados internacionais, uma cultura tecnológica mais saudável e um movimento popular global", segundo o investigador afirma nas páginas do livro. Centremo-nos no tratado internacional de não proliferação proposto por Suleyman. "Não procuro um tratado de não proliferação num sentido estrito e formal. O que procuro é algo semelhante, que tenha o mesmo consenso transfronteiriço mas que não se limite apenas a impedir as coisas, mas que seja um guia mais proativo. Quando olhamos para a história, felizmente existem muitos bons exemplos: pense em realidades como o Protocolo de Montreal [1987] para eliminar os CFC [clorofluorcarbonetos] ou o Acordo de Paris [2016] sobre as alterações climáticas, bem como várias proibições de armas através de acordos de não proliferação. Em última análise, o que é necessário é que os governos, principalmente os EUA e a China, mas também a União Europeia, a Índia e outros, concordem que, a longo prazo, a segurança e a proteção da IA são um problema global que só pode ser resolvido através de um trabalho conjunto. Não será fácil, isso é certo. As pressões para competir são intensas. Mas os líderes políticos, diplomatas, tecnólogos e empresas todos precisam de colocar esta questão no topo da sua agenda e continuar a trabalhá-la durante anos."

Finalmente, o autor de *A Próxima Vaga* acredita que a IA irá resolver os problemas inerentes à emergência climática. "Acredito absolutamente que isso causará um impacto. Não há aqui uma varinha mágica, mas penso que a IA pode ajudar a gerir a energia de forma muito mais eficiente, produzir novos materiais para baterias e energia solar, por exemplo, afirmar o seu pioneirismo na energia de fusão, monitorizar os impactos de forma mais abrangente e eficiente. Em última análise, é plausível que a mesma IA possa gerar novas estratégias, podendo ajudar-nos a reunir novas medidas de mitigação climática e de tecnologia limpa."

BREVES

Évora vive "situação crítica" de reservas de sangue

O Hospital de Évora lançou um apelo à dádiva de sangue para fazer face aos baixos níveis das reservas, mas a situação, considerada "crítica", ainda não está a limitar a realização de tratamentos ou cirurgias. "É uma situação crítica, mas não estamos a suspender tratamentos ou cirurgias", afirmou ontem à agência Lusa a diretora do serviço de imuno-hemoterapia do Hospital Espírito Santo de Évora (HESE), Madalina Guz. Nas últimas semanas, a Unidade Local de Saúde do Alentejo Central, à qual pertence o HESE, tem divulgado um apelo à dádiva, salientando que o Banco de Sangue do hospital "atingiu o limite crítico de reservas de sangue". As colheitas no HESE funcionam de segunda a sexta-feira, das 9h00 às 13h00 e das 14h00 às 16h00, havendo ainda, sobretudo aos fins de semana, brigadas nos concelhos do distrito de Évora.

GNR resgata 16 migrantes numa embarcação ao largo de Espanha

A Guarda Nacional Republicana (GNR) resgatou 16 migrantes que seguiam numa embarcação ao largo de Almeria, Espanha, através de uma ação de patrulhamento da lancha *Bojador*. A operação foi realizada no sábado pela Unidade de Controlo Costeiro e de Fronteiras, com os militares da GNR a detetarem a embarcação de fibra, que tentou fugir, sendo travada com o auxílio da Guardia Civil espanhola ao largo do cabo de Gata. Na embarcação seguiam 17 pessoas, tendo sido detido um facilitador, enquanto os restantes 16 migrantes (todos homens) foram levados para o porto de Almeria. A lancha de patrulhamento costeiro *Bojador* foi integrada pela GNR na operação Indalo 2024, que decorre entre 12 de junho e 7 de agosto sob a égide da Agência da Guarda Europeia de Fronteiras e Costeira (FRONTEX).

Opinião
Fernanda Câncio

Como não ter medo do Ministério Público?

Há uma frase que nunca esqueci – de um filme, *Terminator*, de que gosto particularmente por constituir, com *Alien*, o início de uma saga feminista de ação, algo muito raro até à época (anos oitenta do século XX). É a frase em que o homem vindo do futuro explica à protagonista, interpretada por Linda Hamilton, que com a máquina que veio daquele outro espaço-tempo para a matar não pode argumentar, não pode negociar, não pode pedir misericórdia: porque é uma máquina, não atende à razão e só tem uma razão de existência, um desígnio – matá-la.

Estranho este primeiro parágrafo para um texto sobre o Ministério Público (MP), não é? Podia, claro, ter falado de Kafka para ilustrar o sentimento ante uma máquina destruidora que não admite razão (ou aquilo a que chamamos razão; ela tem a sua), mas dá fastio falar de Kafka a este propósito, até porque cada vez menos gente o leu.

E em que raio é que o MP se parece com a máquina do *Terminator*, perguntam. Desde logo porque há, como de repente tanta gente parece ter-se dado conta, todos os motivos para termos, todos, inclusive quem não violou qualquer lei, medo dele. E esse medo tem dois motivos; porque não sabemos (só podemos suspeitar) a que racionalidade, se não a única a que devia obedecer – a da lei e do Estado de Direito –, obedece e porque constatamos uma total impossibilidade de comunicação: ninguém fala, no sentido de que ninguém se responsabiliza, por ele.

Na verdade, não existe "o Ministério Público"; existe um corpo de funcionários da justiça sem real hierarquia e sem qualquer – é o que parece – responsabilização que fazem o que entenderem, como entenderem, presidido por alguém que já assegurou – a propósito da revelação, num comunicado não assinado da Procuradoria-Geral da República, das suspeitas sobre António Costa que levaram à respetiva demissão –, não se sentir responsável.

E se Lucília Gago, que acha normal que um comunicado daqueles não surja sequer assinado, que durante o seu mandato, prestes a terminar, nunca deu uma entrevista, não se sente responsável por nada, não podemos pedir-lhe explicações sobre nada nem consequências sobre nada.

Ficamos assim limitados às prolixas asserções do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público (SMMP), sempre pronto para vir a público defender a corporação contra todas as críticas (inclusive as de dentro), acusando-as, invariavelmente, de tentativa de ingerência na "independência do MP" e de defesa de interesses "obscuros" que são sempre os dos "ricos e poderosos que querem ficar acima da justiça". Já conheço a conversa tão bem que estaria em condições de fazer, com plena satisfação dos seus dirigentes, os comunicados deste sindicato.

O que me espanta, confesso, é que haja tanta gente que parece de repente ter despertado para estes factos. Vejamos por exemplo o comentador e "senador" do PSD Marques Mendes, que este domingo se indignou, no seu sermão semanal na SIC, com a publicitação de uma alegada escuta de um telefonema entre João Galamba e António Costa (enquanto ministro e primeiro-ministro) no qual estes falariam da TAP. Considerando que a divulgação, no momento em que ocorreu, teve uma agenda – "prejudicar a candidatura de António Costa ao Conselho Europeu" –, o social-democrata exortou o Presidente da República, o Governo e o parlamento a reagirem face a este caso, exigindo explicações a Lucília Gago, asseverando que não o fazerem implica que têm medo do MP. É que nem havia motivos para se ter concluído isso – que têm medo do MP – há muito, não é?

Vejamos por exemplo o ocorrido em 2018: perante a proposta do PSD de Rui Rio de modificar a composição do órgão de fiscalização do MP (o Conselho Superior do Ministério Público) de modo a aumentar o número de membros nomeados pelo parlamento e PR (ou seja, com legitimidade democrática), o então presidente do sindicato, António Ventinhas, rasgou repetidamente as vestes acusando PSD, PS e "os políticos" em geral de quererem "exercer represálias" sobre o MP devido "às investigações que visaram pessoas colocadas nos patamares mais elevados da nossa sociedade", e considerando tratarem-se, as ditas "represálias", "uma reação normal do poder político ao combate à corrupção". Assim mesmo: "os políticos" e o "poder político" como sinónimo de corruptos e defensores de corruptos. Em consonância, Lucília Gago ameaçou demitir-se perante o que qualificou como um ataque à "autonomia do MP".

Anotei à época a ausência de reação, quer dos partidos quer do PR, ao labéu que lhes foi lançado – uma ausência de reação que só posso interpretar como medo, já que o CSMP não tem qualquer modo de intervir em investigações concretas ou de determinar prioridades gerais de investigação.

Anotei igualmente, como tinha já anotado muitas vezes, a ausência de pudor dos representantes do sindicato, que se apresentam como voz do MP, em evidenciar perante o país o facto de considerarem todos os políticos como suspeitos, num tipo de discurso populista e anti-democrático que viria a ser, logo no ano seguinte, o principal estandarte de um novo partido de extrema-direita – aquele que diz que "é preciso limpar Portugal".

Do mesmo modo, fui ao longo do tempo anotando, como algumas outras – poucas – pessoas, que há muito o MP transcreve (em adoráveis resumos muitas vezes perversamente romanceados, como já referi neste espaço) escutas sem qualquer relevância criminal, que relevam apenas de voyeurismo, maldade e, não raro, espionagem política – mesmo se tudo isso é suposto ficar fora das transcrições. Vimo-lo desde logo no caso Casa Pia, e fomo-lo vendo noutros casos, até agora – quando de repente tanta gente acordou para a insuportabilidade e ilegalidade da prática.

A tal ponto houve quem acordasse que ouvimos Marques Mendes, no seu citado comentário dominical, asseverar que nunca tinha visto divulgar escutas sem relevância criminal. É que francamente.

Foi tal o sobressalto súbito que assistimos ao assolar de muito espírito – incluindo no jornalismo – pela indignação ante a violação do segredo de justiça na divulgação de alegadas escutas. Isto depois de décadas de divulgação de escutas em segredo de justiça nos media e de anos de divulgação de áudios e vídeos de interrogatórios de arguidos e até de inquirições de testemunhas – divulgações que o MP, malgrado tratar-se de crime público, muito raramente decide investigar (mais que fazer, né?). E que quando são investigadas podem, como sucedeu no caso de Jarmela Palos, o ex-diretor do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras arguido no caso Vistos Gold, ser arquivadas pelo MP por considerar que "atendendo à exposição jurisprudencial maioritária, será ineficaz conduzir um processo por conduta de desvirtuamento da legalidade". Ou seja, era crime mas não fazia mal – o dano causado, achou o MP, não merecia a maçada.

O mesmo, ou o que vai dar ao mesmo, ouvimos, em 2018, da boca de um membro do Departamento Central de Investigação e Ação Penal, Filipe Preces, num Prós e Contras da RTP. Dizendo-se "desconfortável" com a divulgação de imagens de inquirições do Processo Marquês, por ser crime e por contribuir "para a vitimização dos arguidos" (ou seja, acha que podia beneficiá-los), Preces justificou, ao vivo e a cores, o crime, argumentando que o processo já não estava em segredo de justiça, que se tratava de "um crime de corrupção, "em relação ao qual a lei prevê um escrutínio o mais alargado possível", e que os inquiridos "são pessoas com elevada notoriedade social, por força das funções políticas e sociais que exerceram e isso leva necessariamente a uma compressão dos seus direitos fundamentais".

Quem diz "compressão" diz anulação: para os membros do MP como Preces, contra certas pessoas – aquelas em relação às quais se determina uma suspeita de princípio, como vimos nas declarações de Ventinhas – vale tudo, porque não têm direito a direitos.

Como não ter medo de gente assim, de uma corporação, de um corpo do Estado detentor da ação penal que se deixa, com tão poucos protestos internos (*et pour cause*) representar assim e – já agora, não esquecer – dos juízes que fazem pandã com isto?

Jornalista

Poupança das famílias resiste e compensa regresso do défice nas contas públicas

INE Saldo orçamental negativo reaparece no primeiro trimestre depois de mais de um ano de excedentes, mas subida de juros e travão no consumo ainda ajudam economia nacional a ser excedentária por via do aforro familiar.

TEXTO **LUÍS REIS RIBEIRO**

Taxa de poupança das famílias aumentou para 8% do rendimento disponível no primeiro trimestre.

RUI MANUEL FONSECA / GLOBAL IMAGENS

A economia portuguesa está a conseguir manter uma posição excedentária face ao exterior (ou seja, ainda não regista necessidade global de financiamento), porque as famílias residentes têm vindo a acumular alguns trimestres de capacidade de poupança significativa (a taxa de poupança foi muito elevada em termos históricos no segundo e no quarto trimestre do ano passado, por exemplo).

As contas nacionais por setores institucionais, ontem divulgadas pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), mostram que a resistência dos níveis de poupança, influenciados pelo aumento dos preços de muitos bens e serviços de consumo e puxados pela subida das taxas de juro, parece estar a compensar o regresso do défice nas contas públicas no primeiro trimestre, garantindo que a economia como um todo não se torna deficitária outra vez.

Recorde-se que na mais recente avaliação da Comissão Europeia (CE), sob o chapéu do chamado Semestre Europeu, concluiu-se que "Portugal já não regista desequilíbrios" macroeconómicos, tendo sido elogiado por isso. O país também já tinha saído (em 2017) da situação de défices excessivos (superiores ao máximo previsto no Pacto de Estabilidade, de 3% do Produto Interno Bruto), não obstante as contas terem depois resvalado por causa da pandemia.

Portanto, atualmente, Portugal é um país globalmente equilibrado a nível económico e financeiro, desde que, claro, continue a entregar excedentes orçamentais para reduzir a dívida pública excessiva, o que tem acontecido. O atual governo PSD-CDS prometeu já continuar nesta trajetória.

No destaque da nova edição relativa às contas nacionais até ao primeiro trimestre deste ano, ontem publicado, o INE recorre à medida das médias móveis (o valor médio para as variações dos vários agregados no ano terminado no primeiro trimestre de 2024) e diz que "a capacidade de financiamento das famílias situou-se em 2,2% do PIB no 1º trimestre de 2024, o que representa um aumento de 1 ponto percentual (p.p.) face ao trimestre anterior" e que "este comportamento resultou de um aumento de 24,6% da poupança das Famílias". Assim, continua o INE, a taxa de poupança das famílias residentes em Portugal "atingiu 8% [do RDB ou Rendimento Disponível Bruto], o que representa um incremento de 1,4 p.p. relativamente ao trimestre anterior". "Este desempenho foi consequência do aumento de 2,6% do RDB (1,4% no trimestre anterior), superior ao crescimento de 1,1% do consumo privado".

O INE explica que "as variáveis aqui apresentadas estão em termos nominais, o que, no caso do consumo privado, significa que a sua evolução é marcada pelo crescimento dos preços". Ou seja, aplicado o efeito da inflação, que foi muito elevada, em termos reais, o consumo privado quase estagnou, "aumentou 0,3% no ano acabado no 1º trimestre de 2024", o que contribuiu para o tal reforço da poupança.

O instituto refere que, muito devido a este impulso dado pelas famílias, "a economia portuguesa registou uma capacidade de financiamento de 3,2% do Produto Interno Bruto no 1º trimestre de 2024, que representa um aumento de 0,5 p.p. face ao trimestre anterior", e que o "aumento do saldo externo da economia refletiu a melhoria do saldo das famílias.

Este excedente acabou por acomodar o reaparecimento do défice orçamental público no primeiro trimestre de 2024, ainda que em termos médios no ano que termina em março, a situação financeira das Administrações Públicas ainda continue a ser excedentária, o que se compreende, já que os excedentes trimestrais foram muito elevados, sobretudo no terceiro trimestre do ano passado, quando atingiu quase 8%, um recorde.

Assim, diz o INE, "o saldo do setor das AP diminuiu 0,3 p.p. no ano terminado no 1º trimestre de 2024, passando de uma capacidade líquida de financiamento de 1,2% para 0,9% do PIB".

> O saldo orçamental no primeiro trimestre atingiu -118,9 milhões de euros, ou seja, -0,2% do PIB, o que compara com 1,1% do período homólogo de 2023.

"Considerando os valores trimestrais e não o ano acabado no trimestre, o saldo das AP no 1º trimestre de 2024 atingiu -118,9 milhões de euros, correspondendo a -0,2% do PIB, o que compara com 1,1% no período homólogo. Face ao mesmo período do ano anterior, verificou-se um aumento de 7,3% da receita e de 11% da despesa", quantifica o INE.

Bruxelas já elogiou Portugal

No passado dia 19 de junho de 2024, a Comissão concluiu que "Portugal já não regista desequilíbrios macroeconómicos" e que, em especial, "registou progressos significativos na redução das vulnerabilidades relacionadas com a elevada dívida privada, pública e externa, esperando-se que continuem a diminuir". "Após uma interrupção no ajustamento provocada pela crise pandémica da covid-19, os rácios da dívida do setor privado e da dívida pública reataram a sua descida" e "recuaram substancialmente desde 2021, ajudados pelo forte crescimento do PIB e por um recente excedente orçamental, no caso do rácio da dívida pública". Este já chegou a estar acima dos 130%, agora está perto de 90%, mas muito além, ainda, do limite máximo de 60% imposto pelo Pacto de Estabilidade.

Bruxelas diz ainda que "a posição de investimento internacional líquida [PIIL] claramente negativa de Portugal tem vindo a melhorar substancialmente, ajudada por um crescimento económico acentuado e um excedente da balança corrente, e a sua estrutura permanece favorável à luz da elevada percentagem de instrumentos não reembolsáveis". "O endividamento privado e público e a PIIL negativa permanecem elevados, mas prevê-se que continuem a diminuir no futuro, apesar de o crescimento nominal do PIB se tornar menos favorável".

"A balança de transações correntes voltou a registar um excedente no ano passado, prevendo-se que se mantenha positiva neste ano e no próximo, tendo sido alcançado um excedente orçamental". Já o aumento das taxas de juro por parte do Banco Central Europeu (BCE) "exerceu alguma pressão sobre as famílias endividadas e os preços da habitação têm vindo a registar um forte crescimento desde há vários anos", acrescenta a CE.

luis.ribeiro@dinheirovivo.pt

JOSÉ CARMO / GLOBAL IMAGENS

Pedro Nuno Santos, líder do PS, em 2020, quando era ministro das Infraestruturas.

PS quer estudar linha de comboio entre Braga e Guimarães

FERROVIA Socialistas pretendem que governo acelere a aprovação do Plano Ferroviário Nacional. Executivo espera por avaliação das autoridades espanholas para viabilizar documento.

TEXTO **DIOGO FERREIRA NUNES**

O Partido Socialista defende o estudo de uma linha de comboio entre Braga e Guimarães. A posição consta da recomendação entregue ontem no Parlamento para que o governo de Luís Montenegro dê luz verde ao Plano Ferroviário Nacional (PFN). O Executivo aguarda que as autoridades espanholas se pronunciem sobre o documento orientador das linhas de caminho de ferro até 2050.

"Queremos que o governo avance rapidamente com a adoção do Plano Ferroviário Nacional. É um documento estratégico para o futuro do sistema de transportes em Portugal e todo o trabalho feito pelos governos anteriores [do PS] não pode ficar esquecido", sinaliza ao DN/Dinheiro Vivo o deputado José Carlos Barbosa, um dos subscritores da recomendação.

Nas versões preliminares do PFN previa-se que a ligação entre Braga e Guimarães fosse construída dentro de um "sistema de mobilidade ligeira do Cávado-Ave", abrindo a porta a um sistema do tipo BRT [*Bus Rapid Transit*], com autocarros articulados a circularem em via dedicada. Agora, o projeto de resolução dos socialistas entende que o plano deve prever, "pendente de análise de viabilidade e pertinência", o estudo desta ligação em caminho de ferro.

Uma linha direta pode permitir que Braga e Guimarães fiquem a um máximo de 15 minutos de comboio, fechando a malha ferroviária no chamado "quadrilátero do Minho", que também inclui Barcelos e Famalicão. Um só comboio pode sair do Porto, passar por Braga e descer para Guimarães, continuando, depois, até à cidade Invicta, contribuindo para um serviço com mais frequência e que pode servir mais população.

Pedro Nuno Santos é o primeiro subscritor do projeto de resolução, seguido pela líder parlamentar, Alexandra Leitão. Em abril de 2021 o atual líder dos socialistas e então ministro das Infraestruturas lançou a discussão pública do documento. "O secretário-geral do PS percebe a importância da ferrovia no país. Foi o político que mais defendeu os comboios nas últimas décadas", justifica o deputado José Carlos Barbosa.

> "Nas versões preliminares do Plano Ferroviário Nacional previa-se que a ligação entre Braga e Guimarães fosse construída dentro de um "sistema de mobilidade ligeira do Cávado-Ave".

No lançamento do PFN previa-se que o documento fosse submetido a Conselho de Ministros e ao Parlamento em meados de 2022. No entanto, o processo conheceu sucessivos atrasos na fase das audições e da consulta pública. Pelo meio, a pasta das infraestruturas mudou de nome por duas vezes, para João Galamba e a dupla António Costa/Frederico Francisco (enquanto secretário de Estado do então primeiro-ministro).

O anterior governo deixou este documento na pasta da transição, referindo que "o relatório dos possíveis efeitos transfronteiriços encontra-se em avaliação pelas autoridades espanholas, podendo a Plano Nacional Ferroviário ser apresentado, discutido e aprovado na Assembleia da República após a sua pronúncia". A mesma resposta foi dada ao DN/Dinheiro Vivo pelo gabinete do atual ministro das Infraestruturas, Miguel Pinto Luz. Não há ainda, no entanto, indicação sobre quando virá a resposta do país vizinho. A posição de Espanha é necessária porque o documento propõe a construção de novas ligações ferroviárias a partir do Porto e Faro.

geral@donheirovivo.pt

Bruxelas desbloqueia 714 milhões do PRR

A Comissão Europeia aprovou ontem uma decisão preliminar para pagamento de 714 milhões de euros em verbas relativas ao Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) de Portugal suspensas devido a reformas pendentes, entretanto concretizadas "satisfatoriamente". Em comunicado, o Executivo comunitário dá conta da sua "avaliação preliminar positiva, após reconhecer os progressos realizados na execução" do PRR.

"Esta decisão vem na sequência de suspensões anteriores, em que a Comissão considerou que determinados marcos e objetivos não tinham sido satisfatoriamente cumpridos no terceiro e quarto pedidos de pagamento de Portugal."

Depois de ter retido cerca de 810 milhões de euros na sequência das reformas por concretizar no setor da saúde e das profissões regulamentadas em Portugal, no âmbito da terceira e quarta tranches do PRR, a Comissão Europeia entende agora que o país "tomou medidas para garantir que todos os marcos e objetivos pendentes foram satisfatoriamente cumpridos".

No comunicado, Bruxelas assinala que, tirando partido do prazo alargado, Portugal "implementou uma série de ações eficazes, que melhoraram o regime de trabalho dos profissionais de saúde no SNS e concluíram a descentralização das responsabilidades em matéria de saúde, reforçando significativamente o quadro de saúde pública do país. Além disso, Portugal adotou reformas que eliminam a burocracia em profissões altamente regulamentadas, abrindo caminho a um mercado de trabalho mais dinâmico", adianta a Comissão.

Portugal já recebeu 6,12 mil milhões de euros em subvenções e 1,65 mil milhões em empréstimos do PRR e está com uma taxa de execução do plano de 22%, de acordo com dados da Comissão.

DV/LUSA

BREVES

Fundo de Resolução melhora contas

O Fundo de Resolução reforçou os recursos próprios em 239,6 milhões de euros em 2023. Trata-se do "maior aumento anual dos recursos próprios do Fundo de Resolução desde a sua constituição, em 2012", lê-se no relatório e contas da instituição divulgado ontem. Este reforço resultou sobretudo das contribuições do setor bancário (258,7 milhões de euros) e dos dividendos distribuídos pela Oitante, o veículo que gere os ativos tóxicos do antigo Banif, de 57,1 milhões de euros. A entidade liderada por Luís Máximo dos Santos avisa, no entanto, que esta melhoria "não pode deixar de ser analisada no quadro da situação muito deficitária em que o Fundo inevitavelmente se mantém", em resultado da resolução do BES e do Banif, que se traduz num "saldo muito negativo" do Fundo de menos 6735 milhões de euros.

China investiga carne de porco europeia

As autoridades chinesas estão investigar as importações de carne de porco da União Europeia (UE), após terem recebido uma petição *antidumping* que pode ter impacto nas exportações portuguesas, segundo um comunicado do Ministério do Comércio da China. A Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP) refere, numa nota ontem divulgada, que pediu às organizações do setor que lhe façam chegar as suas preocupações "com a maior urgência possível". Segundo o Ministério do Comércio da China, na sequência de provas de *dumping* que foram apresentadas, foi decidido avançar, em 17 de junho de 2024, com uma investigação. Esta recai sobre produtos como carne de porco fresca, refrigerada ou congelada, seca, salgada ou fumada, pedaços de carne de porco, bem como intestinos, bexigas e estômagos de suínos.

Taghi Rahmani
"A revolução no Irão é necessária, mas a forma deve ser nova"

ATIVISTA Exilado há uma dúzia de anos, o jornalista denuncia a "tortura desumana" a que está sujeita a sua mulher, Narges Mohammadi, Prémio Nobel da Paz em 2023. Das eleições presidenciais de sexta-feira não espera mudanças, que só acontecerão com o afastamento de Khamenei.

ENTREVISTA **CÉSAR AVÓ**

Jornalista e escritor, Taghi Ramani sofreu na pele a repressão do regime fundamentalista religioso. Desde 1981, dois anos depois de Ruhollah Khomeini se tornar o guia supremo do Irão, Ramani foi preso em várias ocasiões por defender a modernização religiosa no seu país. Devido ao ativismo político, foi impedido de prosseguir os estudos universitários e de trabalhar para o Estado. Acabou por tomar a decisão de se exilar em França, em 2012, quando soube que o regime tinha mais quatro acusações contra si. Em 1999 casou-se com Narges Mohammadi, que tinha sido libertada após cumprir a sua primeira pena de um ano de prisão. Com dois gémeos nascidos em 2007, a engenheira física foi despedida e perseguida devido às suas atividades no Centro de Defesa dos Direitos Humanos. Ao contrário do marido, Narges optou por ficar no país. Em 2021 iniciou uma campanha na cela contra o confinamento solitário, a chamada "tortura branca". Além da sua experiência, conseguiu recolher testemunhos de outras 12 detidas no livro *Tortura Branca*, o que lhe valeu a 12.ª detenção e o quarto confinamento solitário. Apesar do precário estado de saúde, juntou-se ao movimento Mulheres, Vida, Liberdade contra a imposição do véu islâmico.

Há um antes e um depois para si com a entrega do Prémio Nobel?
Para mim e para a Narges não existe esse antes e depois. O objetivo desse prémio é dar a voz à mensagem que temos para divulgar. Quando se consegue chegar a mais ouvidos, consegue-se ter mais influência. E agora há essa possibilidade. E tanto a Narges como eu temos que aproveitar essa oportunidade para fazer chegar a voz do povo iraniano.

A sua vida quotidiana não sofreu grandes alterações?
Tem sido mais difícil porque há mais críticos, mas também mais pessoas que nos apoiam. É mais interessante e desafiante. Nós tivemos uma vida cheia de aventuras. Mas não como os atores de Hollywood.

E quais foram as consequências para a Narges?
Desde então adicionaram mais dois anos de pena à que tinha. Negaram-lhe acesso ao contacto com os familiares que estão no Irão. Não tem acesso a visitas de ninguém. O regime iraniano vê o Prémio Nobel como um prémio político e, por isso, tem dificultado ainda mais a vida dela.

"[Desde a entrega do Nobel da Paz] adicionaram dois anos de pena [a Narges]. O regime iraniano vê o Prémio Nobel como um prémio político e por isso tem dificultado ainda mais a vida dela."

Qual foi a última vez que os seus filhos conseguiram contactar a mãe?
Há dois anos. Desde que voltou a ser presa não tiveram mais acesso. Há nove anos que não veem a mãe. E eu não a vejo há 12 anos. É um castigo, é uma tortura desumana. O regime iraniano quer impor essa tortura como uma forma de vida constante.

No ano passado o embaixador iraniano em Portugal disse-me, numa entrevista, que a Narges tinha acesso à internet e ao mundo livre. E que quer ela quer outros laureados com o Prémio Nobel da Paz nunca disseram nada sobre a Palestina. Qual o seu comentário?
A posição da Narges sobre a Palestina é muito clara. Como um Prémio Nobel da Paz, ela procura a paz tanto para os israelitas como para os palestinianos. O que o regime iraniano quer é que seja o seu ponto de vista sobre a Palestina a prevalecer. Defender a Palestina é uma espécie de armadilha. O que eu e a Narges pensamos sobre essa situação é que deve haver dois governos e deve haver paz naquela terra, enquanto, do ponto de vista do regime, há que eliminar o povo israelita. Embora seja sempre o povo israelita a matar mais os muçulmanos do que o inverso, a paz pertence a ambos. Tal como Netanyahu é um problema atual na região, Khamenei é outra parte do problema. Muitas vezes os inimigos são muito parecidos um com o outro. O Irão ajudou a Síria porque o povo sírio queria acabar com o regime, mas o regime iraniano ajudou a ditadura da Síria a manter-se à força sobre o seu próprio povo. Rahim Safavi, que é um dos líderes dos Guardas da Revolução, disse: "Nós chegámos três vezes ao Mediterrâneo. Uma vez na altura de Alexandre, o Grande, outra na altura de Dário e agora com Khamenei." Se acusam os EUA de imperialismo, isto também não está correto. Se nós somos um país com ideais de expansão territorial, então estamos a fazer parte do problema e não parte da solução. Por exemplo, no Iraque existe um grupo de forças patrocinado pela Arábia Saudita e outro pelo Irão e esses dois grupos combatem-se um ao outro dentro do território do Iraque. Os Estados Unidos tiram proveito, continua-se a vender armamento e a nossa posição económica piora. E, de certa forma, o próprio embaixador do Irão em Portugal e o Irão são parte desse problema. Neste momento estamos sob severas sanções económicas. Essas sanções estão a prejudicar mais o povo do que o próprio regime. [Joe] Biden autorizou o regime a vender mais petróleo à China, mas esse dinheiro não vai para o povo, vai para o regime. É a classe média que tem aspirações para a democracia e as sanções e a pobreza estão a destruir a classe média iraniana. Durante 16 anos tivemos dois presidentes, Khatami e Rouhani, que tentaram fazer algumas reformas em prol do povo. Mas Khamenei impediu-as. Chegou até ao Mediterrâneo, mas não sabe dizer o que deu ao seu próprio povo em troca disso.

E em relação ao comentário do embaixador sobre as condições da prisão da Narges?
Eu estive durante 14 anos em Evin, que é uma prisão de uma imensidão gigante e que tem alas separadas. Narges está na ala das presas políticas, onde há quatro celas e 70 mulheres. Têm acesso ao jornal e à televisão do regime. Os serviços prisionais dão um cartão de telefone onde estão configurados os números para os quais tem autorização para fazer chamadas. Se tentar ligar para outro número é bloqueado. Narges podia telefonar para duas pessoas, o irmão e a irmã, mas há sete meses tiraram-lhe esse direito. Acha que isso é acesso livre ao mundo e à internet? O regime também diz que os prisioneiros que se portam bem têm autorização para sair em precária três dias por mês, mas é uma farsa. Neste momento, sem acesso a visitas e sem aceitar usar o véu não dão autorização para ser vista pelos médicos. O acréscimo da pena, quer em janeiro quer agora, foi feito em tribunal sem a presença da Narges.

Essa nova condenação vem na se-

Rahmani e a edição portuguesa de *Tortura Branca* (ed. Casa das Letras), da autoria da mulher.

quência, entre outras coisas, de um apelo que Narges fez para o boicote às eleições parlamentares.
Um dos motivos prendeu-se com isso, o outro motivo é que a Narges denunciou o abuso sofrido por uma mulher, Dina Ghalibaf, quando foi detida.

Tem esperança de que a sua mulher venha a ser um dia libertada?
Nós vivemos com a nossa fé e a nossa esperança e a Narges tem uma energia infinita. Eu quero que o mundo olhe para o caso da Narges e que isso venha a ser uma ajuda para a sua libertação. Se ela for libertada, também pode ajudar a liberdade iraniana. porque ela tem tentado ser a voz daqueles que não são ouvidos.

Em relação às eleições presidenciais de sexta-feira, há condições para que o candidato reformista, Massoud Pezeshkian, vença? Terá condições para fazer reformas?
Massoud Pezeshkian, na verdade, aparenta ser uma boa pessoa e de bons princípios. É um reformista, contudo o próprio diz que a sua linha vermelha é a *manviat*, ou seja, as palavras da liderança do Irão. E a liderança do Irão não tem relação com a democracia e a liberdade. Se a linha vermelha é não pisar as palavras do líder religioso, então, por mais boa pessoa que seja, não entendo que tipo de reforma ou de benefício poderá trazer para o país. Há reformistas que pensam que no dia em que o líder morrer, pela idade avançada que tem, será possível avançar com as reformas. Nada disso é claro para o povo iraniano, nem a morte de Khamenei. O povo quer resolver os seus problemas hoje. Em redor de Khamenei não há pessoas que tenham interesse em soluções no sentido reformista.

> *"Há reformistas que pensam que no dia em que o líder morrer será possível avançar com as reformas. Nada disso é claro para o povo iraniano. Nem a morte de Khamenei."*

Esses são Ghalibaf, o presidente do Parlamento, e Jalili, o conselheiro de topo de Khamenei. A grande luta política será entre esses dois, que sabem que, depois de Khamenei, o presidente é quem transita para líder religioso e fica com o poder na mão. Mas existe a possibilidade de Khamenei fazer com que esse reformista venha a ser o presidente do país por meros interesses próprios de diminuir as sanções e de aliviar as tensões do povo contra o regime. O nosso problema é a democracia e a liberdade. De nada vale atenuarmos a nossa relação com a comunidade internacional e continuarmos a ter uma ditadura. Isso não tem nenhum benefício, nenhum valor para a população. Gostava muito que Khamenei fosse afastado, tal e qual como o salazarismo em Portugal.

Uma mudança só é possível com uma revolução?
Algo parecido com uma revolução: um novo líder religioso que esteja disponível para as reformas. A resistência continua no meio do povo e essa resistência pode trazer algumas formas de mudança. Temos de ultrapassar o atual regime e a atual Constituição do país, mas enquanto Khamenei estiver vivo não haverá qualquer reforma, a não ser que apareçam milhões de pessoas na rua a criarem uma nova história. Deve haver uma revolução, mas não será como a francesa, nem a bolchevista, nem a islâmica de 1979. A revolução é necessária, mas a forma de revolução deve ser nova. Ainda não existe a forma, não está traçada a forma de acontecer esta revolução.

Há pouco criticou a lógica das sanções. Tendo isso em conta, o que é que o Ocidente pode fazer para ajudar o povo iraniano?
Os países ocidentais não têm uma visão de como querem liderar. Neste mundo, no meu telemóvel provavelmente não vou conseguir falar com o meu amigo que está no Irão, mas se estiver nos Estados Unidos consigo. Não é justo que se crie uma zona onde há ditadura e onde se vai buscar petróleo barato e no seu próprio país haja todas as condições. É por causa do petróleo barato que os países ocidentais mantêm essas políticas para países como o regime iraniano. Esses países alimentam guerras e, em consequência, as pessoas fogem para a Europa. Qual é a solução? Investir nos países circundantes para criar condições para que esses imigrantes não venham para cá. Prevê-se que mil milhões irão emigrar por causa das alterações climáticas. Se 100 milhões dessas pessoas quiserem vir para a Europa, é o suficiente para alterar a harmonia. Enquanto isso, a extrema-direita aproveita para destruir a democracia. Nós estamos todos no mesmo barco, mas esse barco tem vários níveis. Se se afundar, afundamo-nos todos.

cesar.avo@dn.pt

Netanyahu afirma que a fase "intensa" da guerra contra o Hamas está perto do fim

ISRAEL Primeiro-ministro fala em realocar tropas para a fronteira com o Líbano. E adiantou a intenção de manter controlo militar de Gaza num futuro próximo.

TEXTO **ANA MEIRELES**

Um dia depois de o primeiro-ministro israelita ter garantido que a "fase intensa" da guerra na Faixa Gaza está a terminar, o exército bombardeou ontem alvos no território palestiniano e o Hamas voltou a exigir o fim permanente dos combates. Benjamin Netanyahu deu uma entrevista no domingo, a primeira desde 7 de outubro, enquanto o ministro da Defesa viajava até Washington, para o que Yoav Gallant chamou de negociações "críticas" com o principal aliado e fornecedor de armas de Israel.

Na entrevista, o líder do governo israelita adiantou que "a fase intensa da luta contra o Hamas está prestes a terminar", mas sublinhou que isso "não significa que a guerra esteja prestes a terminar, mas a guerra na sua fase intensa está prestes a terminar em Rafah", a cidade do Sul da Faixa de Gaza, junto à fronteira com o Egito, e a última área a ser alvo de uma invasão terrestre.

"O objetivo é devolver os reféns e desenraizar o regime do Hamas em Gaza", prosseguiu o primeiro-ministro israelita, rejeitando novamente o cessar-fogo permanente exigido pelo grupo palestiniano durante conversações intermitentes envolvendo os mediadores Estados Unidos, Egito e Qatar.

Netanyahu declarou que Israel seria então capaz de "realocar algumas forças para o Norte", na fronteira com o Líbano, onde as trocas de tiros com o movimento Hezbollah aumentaram, mas disse que isso seria "principalmente para fins defensivos".

Com o receio crescente de uma guerra em grande escala no Líbano, Netanyahu adiantou que Israel devolveria os seus cidadãos deslocados às comunidades que habitavam e que foram evacuadas na fronteira Norte do país, através da diplomacia ou por "outra forma".

Quando questionado sobre os cenários pós-guerra de Gaza, referiu que Israel manteria "o controlo militar num futuro próximo", mas também quer criar "uma administração civil, se possível com palestinianos locais" e apoio regional.

O Hamas classificou os comentários de Netanyahu como "uma clara confirmação da sua rejeição à recente resolução do Conselho de Segurança [da ONU] e à proposta do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden," para uma libertação de reféns e um acordo de trégua.

Biden classificou o plano como uma proposta de Telavive, embora alguns políticos israelitas de direita, críticos do governo de coligação de Netanyahu, se opusessem. Ontem, porém, o primeiro-ministro disse ao Parlamento: "Estamos comprometidos com a proposta israelita que o presidente Biden endossou." Netanyahu também é pressionado por manifestantes que saíram às ruas às dezenas de milhares no sábado exigindo novas eleições e um acordo para libertar os reféns.

Com AGÊNCIAS

O exército israelita voltou a bombardear alvos em Gaza.

Bardella está pronto para governar e promete mais lei e ordem em França

ELEIÇÕES Partido de extrema-direita Reunião Nacional lidera as sondagens. Macron diz que resultado das legislativas antecipadas será a expressão da "responsabilidade dos franceses".

TEXTO **ANA MEIRELES**

O líder da extrema-direita francesa e candidato a primeiro-ministro, Jordan Bardella, garantiu ontem que o seu partido está pronto para governar, prometendo conter a imigração e resolver questões relacionadas com o custo de vida. "Em três palavras: nós estamos prontos", afirmou o presidente do Reunião Nacional (RN), de 28 anos, numa conferência de imprensa, em que revelou o programa do partido para as eleições legislativas antecipadas deste domingo.

Bardella, creditado por ter ajudado o RN a limpar a sua imagem extremista, pediu aos franceses para darem ao seu partido uma maioria absoluta, de forma a poder implementar o seu programa anti-imigração e de lei e ordem. Sondagens divulgadas este fim de semana sugerem que o RN poderá obter 35%-36% na primeira volta, à frente da aliança de esquerda Frente Popular, com 27%-29,5%, e dos centristas de Macron em terceiro lugar, com 19,5%-22%. "Sete longos anos de macronismo enfraqueceram o país", afirmou, prometendo aumentar o poder de compra, "restaurar a ordem" e mudar a lei para facilitar a deportação de estrangeiros condenados por crimes.

O presidente do RN reiterou ainda os planos para restringir as fronteiras e dificultar a obtenção da cidadania por estrangeiros nascidos em solo francês. "Há 30 anos que os franceses não são ouvidos sobre este assunto", afirmou Bardella, acrescentando que o RN se concentrará em medidas "realistas" para conter a inflação, principalmente através do corte de impostos sobre a energia.

Do programa eleitoral da extrema-direita, segundo Jordan Bardella, faz também parte um "*big bang* de autoridade" nas escolas, incluindo a proibição de telemóveis e a introdução experimental de uniformes, uma proposta anteriormente apresentada por Macron. Sobre a política externa, garantiu que o RN se opõe ao envio de tropas francesas para a Ucrânia, uma ideia avançada por Macron, mas que continuará a fornecer apoio logístico e material. E sublinhou que o seu partido, que tinha laços estreitos com a Rússia antes da invasão da Ucrânia, estará "extremamente vigilante" face às tentativas de Moscovo de interferir nos assuntos franceses.

GEOFFROY VAN DER HASSELT / AFP

"A alternância começa" foi o *slogan* apresentado por Jordan Bardella na sua conferência de imprensa.

O perigo de uma guerra civil

Em contagem decrescente para as eleições, Emmanuel Macron respondeu ontem durante quase duas horas a perguntas no *podcast* "Génération Do it Yourself", tendo afirmado que o resultado destas legislativas antecipadas não será "culpa de ninguém", mas sim a expressão da "responsabilidade dos franceses". "Além da vossa raiva – ela foi expressa, eu ouvi-a e devolvo-vos a palavra –, o que é que vocês pretendem? Vejam os projetos de uns e de outros", desafiou o líder francês.

O presidente francês voltou a referir entender a surpresa e incompreensão causadas pela sua decisão de dissolver a Assembleia Nacional, tendo em conta a crise que poderá sair destas eleições, admitindo que "é muito difícil". "Estou ciente disso e muitos estão com raiva de mim. Mas fi-lo porque não há nada maior e mais justo numa democracia do que a confiança no povo", insistiu.

E alertou também que as políticas eleitorais dos seus opositores, tanto da extrema-direita como da extrema-esquerda, poderão levar a uma "guerra civil".

No dia anterior, numa carta aberta aos eleitores publicada nos *media* franceses, Macron tinha prometido uma "mudança" no estilo de governo, independentemente de quem vencer as eleições antecipadas. E, apesar da perspetiva de um Parlamento bloqueado, garantiu que cumprirá o seu mandato até 2027, desafiando os apelos feitos por Marine Le Pen para renunciar caso o RN saia vencedor.

"O objetivo não pode ser simplesmente continuar como as coisas estavam", declarou nessa carta aberta. "Ouvi que querem mudança", prosseguiu, dizendo ainda que "podem confiar em mim para atuar até maio de 2027 como vosso presidente protetor em todos os momentos da nossa república, dos nossos valores, respeitador do pluralismo e das suas escolhas, ao vosso serviço e da nação".

Macron insistiu ainda que estas legislativas "não são uma eleição presidencial nem um voto de confiança no presidente da República", mas sim uma oportunidade para responder a "uma única questão: quem deveria governar a França?". "O novo governo, que refletirá necessariamente o vosso voto, será, espero, semelhante aos vários republicanos que terão demonstrado coragem para se opor aos extremos."

ana.meireles@dn.pt

> Macron insistiu que estas legislativas "não são uma eleição presidencial nem um voto de confiança no presidente da República", mas sim uma oportunidade para responder a "uma única questão: quem deveria governar a França?".

Paris vai apoiar Kiev "a longo prazo"

O presidente Emmanuel Macron garantiu ontem que o apoio "a longo prazo" de França à Ucrânia vai manter-se, apesar da possível vitória da extrema-direita nas eleições legislativas antecipadas de domingo. "O nosso apoio à Ucrânia permanece e continuará a ser constante e continuaremos a mobilizar-nos para responder às necessidades imediatas da Ucrânia, para transmitir a mensagem da nossa determinação inequívoca de estar ao lado dos ucranianos a longo prazo", afirmou o presidente francês após um encontro em Paris com o secretário-geral da NATO, Jens Stoltenberg, que agradeceu "a liderança da França" na Aliança.

Macron referiu ainda que é preciso que a NATO envie um "forte sinal a Washington sobre o progresso da Ucrânia no processo de integração euro-atlântico e em direção à Aliança, onde tem o seu lugar, e [sobre] a contribuição da Ucrânia para a segurança euro-atlântica", numa referência à cimeira na capital dos EUA nos dias 9 a 11 de julho.

Stoltenberg, por seu turno, lembrou os recentes atrasos de entrega de ajuda a Kiev por parte dos EUA – em grande parte devido ao impasse causado pelos republicanos no Congresso – e lamentou que estes tenham tido "consequências reais no campo de batalha", sublinhando que os aliados precisam de dar à Ucrânia "a previsibilidade e a responsabilização de que necessita para se defender".

Nesse sentido, o norueguês, que termina o mandato a 1 de outubro, disse que "na cimeira de Washington mais apoio à Ucrânia será a nossa tarefa mais urgente". "Espero que os aliados, quando nos reunirmos na cimeira, concordem que a NATO lidere a coordenação e a prestação de assistência de segurança e formação à Ucrânia. E também propus um compromisso financeiro a longo prazo para a Ucrânia", sublinhou. **A. M.**

BREVES

Atentados no Daguestão matam 20

Os atentados armados de domingo contra igrejas ortodoxas e pelo menos uma sinagoga no Daguestão, no Cáucaso russo, fizeram 20 mortos e 46 feridos, segundo um novo balanço divulgado ontem. O Comité Antiterrorista da Rússia disse ontem ter terminado a operação para pôr fim aos ataques armados. Também ontem o Kremlin descartou o regresso de uma "insurreição islamita" à República do Daguestão, afirmando que a população está "consolidada face ao terrorismo". "A Rússia mudou, a sociedade consolidou-se, e essas manifestações terroristas não são apoiadas pela sociedade nem na Rússia nem no Daguestão", afirmou Dmitri Peskov. A questão colocada ao porta-voz do Kremlin referia-se aos acontecimentos da década de 2000, na sequência da segunda guerra da Chechénia.

Meloni sofre derrota em Florença

A cidade italiana de Florença, um bastião da esquerda, elegeu ontem a primeira mulher presidente de câmara, depois de Sara Funaro ter derrotado facilmente o ex-diretor das prestigiadas Galerias Uffizi. Funaro, vereadora local do Partido Democrata, de centro-esquerda, obteve 60% dos votos na segunda volta, contra o historiador de arte Eike Schmidt, de acordo com os resultados oficiais. O ítalo-alemão, um novato político conhecido pela reforma bem-sucedida das Galerias Uffizi durante os seus oito anos como diretor, foi apoiado pelo governo da primeira-ministra de extrema-direita, Giorgia Meloni. Se tivesse sido eleito, Schmidt teria sido o primeiro político de direita a liderar Florença, uma a cidade historicamente liberal. Funaro, 48 anos, era vereadora desde 2014 na gestão do autarca cessante, Dario Nardella.

Análise
Germano Almeida

Tempo de vésperas

Estamos naquela janela fundamental em que ainda é possível fazer alguma coisa para se evitar o pior – mas a margem para correr bem é cada vez mais curta.

O título que escolhi para a crónica remete para uma alusão a um livro de 2001 do Prof. Adriano Moreira, cirurgicamente citado na Introdução de *A Guerra Que Aí Vem*: "Quando fizeres uma previsão, será bom que seja de longo prazo, para já não estar cá ninguém que se lembre dela quando chegar o tempo de se concretizar."

Mas o título do livro de António Telo e João Vieira Borges, como bem lembrou o major-general Arnaut Moreira na apresentação feita na semana passada no Grémio Literário, "já nem exige um ponto de interrogação, muito menos reticências".

Estaremos, então, neste inquietante tempo de vésperas para *A Guerra Que Aí Vem*, anunciada na obra com a chancela da Tribuna da História. João Vieira Borges, major-general do Exército, é presidente da Comissão Portuguesa de História Militar e coordenador do Observatório de Segurança e Defesa da SEDES. António Telo foi professor associado e catedrático na Academia Militar nos últimos 25 anos.

Ambos avisam-nos para "uma coisa extraordinária na Europa". Qual é ela? "O normal numa qualquer crise importante é os responsáveis políticos dizerem: 'calma; isto não é grave; tudo se vai resolver…'; ao mesmo tempo, o comum dos mortais olha para o céu onde se acumulam nuvens negras e acha que é capaz de não ser somente uma amena chuva primaveril que aí vem. Hoje acontece o contrário. Os principais responsáveis políticos europeus falam da imensa tempestade que se aproxima e dos seus perigos e o comum dos mortais encolhe os ombros, como se isso não fosse com ele. O chanceler alemão, Olaf Scholz, por exemplo, garantiu que podíamos mergulhar numa guerra 'maior que a da Ucrânia' até 2028. O presidente Emmanuel Macron foi mais longe e, em começos de 2024, afirmou que a França e a Europa não podiam ficar de braços cruzados perante uma eventual derrota da Ucrânia, que se tratava de uma 'crise existencial' (*Introdução*, pág. 7).

O livro identifica cinco fases da guerra desde a invasão ilegal russa. A primeira dura até abril de 2002, naquela fase inicial "que devia terminar até 6 de março, após o que a quase totalidade da Ucrânia estaria ocupada e um governo-fantoche seria colocado em Kiev". É apresentado um mapa que representa a situação ao fim de duas semanas incompletas de guerra, a 8 de março de 2022. Pretendia-se, por essa altura, "cercar Kiev com quatro eixos de avanço, onde se concentram as melhores unidades mecanizadas russas, com progressões rápidas que podem chegar aos 400 quilómetros a partir do Leste. Três outros eixos pretendem cercar Kharkiv, mas pouco avançam. No Donbass, em guerra desde 2014, a luta é intensa, mas o movimento reduzido ou nulo. No Sul podemos distinguir quatro outros eixos: dois cercam Mariopol, vindo do Leste e do Oeste; outros dois avançam para Kherson, divergindo depois na direção de Odessa e ao longo da margem sul do Dnieper" (pág. 53).

Só que em meados de março a Rússia estava num impasse. "A manobra política tinha falhado, tal como a diplomática e a ética/moral. A manobra militar era um desastre, com mais de metade das forças retidas num pesadelo logístico, incapazes de avançar e sujeitas a um castigo permanente em flancos expostos, com uma retaguarda rebelde. As unidades russas praticaram milhares de crimes de guerra, que criaram uma gigantesca onda de repulsa e ódio nas populações ocupadas" (pág. 57).

> Estaremos, então, neste inquietante tempo de vésperas para *A Guerra Que Aí Vem*, anunciada na obra com a chancela da Tribuna da História.

A segunda fase vai de abril a setembro de 2022 e inclui a batalha de Mariupol e o avanço russo no Leste do Donbass. A terceira fase apanha as grandes mudanças no terreno ocorridas no final do verão de 2022: a ofensiva da Ucrânia (6000 quilómetros quadrados libertados em Kharkiv e Kherson) e a guerra de erosão da Rússia – com Bakhmut a ganhar o rótulo de "mais sangrenta e longa batalha da guerra" (pág. 83). A quarta fase identificada em *A Guerra Que Aí Vem* vai de junho de 2023 a janeiro de 2024 e é marcada pela ofensiva ucraniana "anunciada desde há oito meses e da qual muito se esperava" (pág. 84). Apontada como "ponto de viragem" no terreno, viria a falhar. "No início de 2024 foi o presidente Zelensky quem confirmou que a Ucrânia passara a uma fase de "defensiva estratégica". Foi o fim oficial da contraofensiva". E, finalmente, a quinta fase apontada no livro, que se iniciou em janeiro passado. Caracteriza-se pela "defensiva estratégica".

Três cenários em aberto

António Telo projeta três cenários bem diferentes (págs. 133/135), terminando-os com um aviso: "O que está em jogo é somente… tudo."

No cenário 1) antecipa-se o que pode acontecer se a Rússia vencer já em 2024: a anexação de grande parte da Ucrânia, a sua satelização à esfera russa e o impedimento da entrada ucraniana na NATO e na UE. No cenário 2) traça-se a hipótese de a Ucrânia resistir à ofensiva com um aumento quantitativo e qualitativo do apoio militar internacional. Quanto ao terceiro cenário, implicaria o alastramento a curto prazo da guerra para outros continentes.

Competição geopolítica entre as grandes potências globais

Vieira Borges chega a propor-nos "Dez lições fora da espuma dos dias". São elas: 1) Na Ucrânia constrói-se a "Nova Era"; 2) A democracia não se defende só com palavras; 3) A vulgarização da ameaça nuclear; 4) Precisamos de uma reforma da ONU; 5) O regresso da estratégia; 6) A guerra convencional renasceu; 7) Tempo é mesmo um fator estratégico; 8) O diferencial da tecnologia pode compensar a massa; 9) Os mercenários continuam a ser 'desumanos, ambiciosos, indisciplinados, infiéis'; 10) A liderança é um fator importante do potencial estratégico.

O presidente da Comissão Portuguesa de História Militar aponta, já depois das dez lições, mensagens para o futuro em jeito de conclusão destas reflexões-em-constante-atualização: "O mundo mudou na sequência desta duerra da Rússia na Ucrânia. Mudou o nosso espaço de segurança e liberdade. Mudou o geopolítico, o geoestratégico e o geoeconómico. Mudaram as relações de poder. Mudou a importância de determinados espaços. Acentuou-se a denominada 'competição geopolítica' entre as grandes potências globais, enquanto ameaça à segurança e defesa do mundo. Na práxis, estão a mudar as regras internacionais, dando contributos para uma 'Nova Era', com uma nova arquitetura de segurança e defesa e novos atores. Por outro lado, a arte da guerra também está a mudar, com destaque para o renascimento da guerra convencional de alta intensidade para uma nova dissuasão nuclear, para o crescendo de investimento em defesa e designadamente em novas tecnologias e, em especial, na inteligência artificial, para o reforço da importância das reservas de guerra e para a necessidade de alteração do sistema de serviço militar, como se tem verificado mais próximos da fronteira da Rússia."

Especialista em política internacional.

24,3 quilómetros em dois jogos. Bernardo Silva é quem mais corre no Europeu

ESTATÍSTICA Os números refletem bem o bom rendimento coletivo e individual da seleção. Ronaldo é o segundo maior rematador, Rúben Dias e Palhinha destacam-se no passe, Rafael Leão e Nuno Mendes na velocidade, enquanto Vitinha foi quem sofreu mais faltas.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Bernardo Silva foi o jogador que mais correu nos dois primeiros jogos do Euro 2024. De acordo com os dados estatísticos da UEFA, o camisola 10 da seleção nacional percorreu 24,3 km nas duas primeiras jornadas da fase de grupos, superando os 24 km do italiano Nicolò Barella e os 23,9 km do húngaro András Schäfer.

E mesmo contabilizando as seleções do Grupo A que fizeram três jogos, o médio ofensivo que foi eleito o melhor em campo no triunfo (3-0) de Portugal sobre a Turquia, em que marcou um golo, mantém-se no topo dos jogadores que mais campo percorreram neste Europeu. Amanhã, diante da Geórgia, e depois de fazer, em média, 12 km a cada 90 minutos, Bernardo Silva deve descansar para voltar a ser o maratonista no embate dos oitavos de final, marcado para 1 de julho, com adversário ainda desconhecido (será um dos terceiros classificados dos Grupos A, B ou C).

Nem todos os técnicos gostam de valorizar os dados estatísticos, mas os números não mentem e refletem uma superioridade de Portugal na posse de bola, nos movimentos ofensivos e na velocidade das alas defensivas e ofensivas. O caso de João Palhinha é particularmente curioso. O médio defensivo foi titular diante da Turquia, mas destacou-se pelo acerto no passe e não pelos desarmes. Os 22 passes que fez nos 45 minutos em que jogou foram todos bem-sucedidos e colocaram-no no topo da lista dos jogadores com 100% de eficácia no passe.

No total das duas primeiras partidas, Rúben Dias foi o jogador com mais passes tentados (185, sendo que 173 chegaram aos destino), e, mesmo contabilizando com os jogos da terceira jornada do Grupo A, o defesa central estava no *top* 5, atrás de quatro alemães, incluindo o mestre do passe certo, Toni Kroos (acertou 326 em 341 tentados).

A velocidade da ala esquerda de Portugal tem sido evidente graças a Rafael Leão e Nuno Mendes, que estão entre os 10 jogadores mais rápidos do Europeu. E se o extremo do AC Milan atingiu uma velocidade máxima de 35,4 km e é o quarto mais veloz de uma lista liderada pelo romeno Valentin Mihaila (35,8 km/hora), o lateral do Paris SG chegou aos 35,1 km/hora, sendo o sexto da lista e o segundo defesa mais veloz da prova, depois de Jeremie Frimpong, dos Países Baixos (35,2 km/hora).

Nuno Mendes esteve mesmo ligado a três dos cinco golos da equipa e irá certamente descansar no terceiro encontro da fase de grupos (ontem treinou à parte), tal como Rafael Leão, mas este devido aos dois cartões amarelos que viu por simulações nos dois primeiros jogos, que o colocam na lista dos mais indisciplinados. O extremo do AC Milan só precisou de 168 minutos em campo para ver dois cartões, sendo, no entanto, o quinto jogador com mais dribles das duas primeiras jornadas do Euro 2024, tendo deixado os adversários a ver a bola passar por 12 vezes. O alemão Jamal Musiala lidera este *ranking*, com 19, mas já com três jogos realizados.

185

Passes foram feitos por Rúben Dias, dos quais 173 certos, nas duas primeiras jornadas do Campeonato da Europa. O defesa central foi o jogador que mais passes fez no torneio nesse período.

35,4

km/hora Foi a velocidade máxima que Rafael Leão atingiu no Euro 2024. O extremo é o quarto mais veloz de uma lista liderada pelo romeno Mihaila (35,8 km/hora) e que tem Nuno Mendes em sexto.

62,5%

Posse de bola Nas duas primeiras jornadas a seleção nacional era a segunda com mais tempo de posse de bola e ainda a segunda com mais passes realizados, com um total de 1145.

Ronaldo, o maior rematador

No final do primeiro jogo com a Rep. Checa, que Portugal ultrapassou com alguma dificuldade (2-1), Roberto Martínez foi questionado sobre o papel de Ronaldo

Nuno Mendes é um dos mais velozes do Europeu, Bernardo Silva foi quem mais correu nas duas primeiras jornadas.

FPF

e respondeu assim: "Fez três remates enquadrados com a baliza e foi o jogador que mais remates enquadrados teve durante o torneio no primeiro jogo." E após mais 90 minutos diante da Turquia totaliza nove remates, quatro deles enquadrados com a baliza em dois jogos. O capitão foi mesmo quem mais rematou à baliza nos dois primeiros jogos do Euro e só perde na lista para o alemão Kai Harvetz , que fez 10 remates, cinco enquadrados, mas em três partidas.

Ronaldo lidera ainda nos foras de jogo. Foi apanhado para lá da linha defensiva adversária quatro vezes, uma delas no lance que resultou num golo anulado a Diogo Jota diante da Rep. Checa. E, tal como Bernardo, Leão e Nuno Mendes, CR7 pode descansar no próximo encontro, até para Martínez testar um novo ataque e dar oportunidade a João Félix e Gonçalo Ramos (ontem treinou à parte).

Dar descanso a Vitinha também poderia ser estratégico. A titularidade do médio no jogo com a Rep. Checa foi uma das surpresas bem-sucedidas de Roberto Martínez e acabou eleito o melhor em campo pela UEFA, mas foi menos exuberante com a Turquia. Mesmo assim, é o jogador que mais faltas sofreu nas duas primeiras partidas (sete), o que faz dele um alvo a abater pelos adversários.

Coletivamente, a equipa das quinas teve o melhor ataque nos dois primeiros encontros, com cinco golos em dois jogos, e sendo agora apenas batida por seleções que já acabaram a fase de grupos. Em número de remates (31) e remates enquadrados (11), Portugal também está no *top* 10, sendo a quarta com mais ataques e a segunda olhando apenas às duas primeiras jornadas. Portugal é ainda segunda com mais passes (1145) e mais posse de bola (62,5%, em média).

No capítulo de coisas a melhorar, Roberto Martínez terá de olhar para a pouca eficácia dos cruzamentos, os poucos desarmes bem-sucedidos (apesar de, individualmente, Nuno Mendes ser o segundo mais bem-sucedido nesse aspeto) e as poucas recuperações de bola a nível coletivo (apesar de Pepe estar no *top* 5 a nível individual).

isaura.almeida@dn.pt

Diogo Costa preparado para ceder a baliza e talvez para defender penáltis sem luvas

SELEÇÃO Guarda-redes espera ter aprendido com os erros cometidos no Mundial 2022 e pediu aos adeptos para deixarem de invadir o relvado à procura de CR7.

Diogo Costa está preparado para tudo: fazer de Ricardo, como no Euro 2004, e tirar as luvas para defender penáltis, até imaginar como será ser campeão europeu. "Representar a seleção é sempre o topo dos topos. Se formos campeões? Idealizo uma grande loucura, uma alegria imensa. Será algo indescritível. Mas o nosso foco está em ganhar à Geórgia e jogar bem", respondeu o guarda-redes da seleção.

Ontem, passados 20 anos de Ricardo ter defendido um penáti sem luvas frente à Inglaterra no Euro 2004, que apurou a seleção para as meias-finais, o dono da baliza da equipa das quinas foi questionado se está preparado para repetir o feito do agora treinador de guarda-redes. "Da minha parte é sempre um privilégio partilhar momentos únicos com o Ricardo. Que me passe sempre todos os conselhos para defender penáltis, mas acho que será sempre com luvas...", disse, esboçando um sorriso.

Diogo Costa pediu ainda mais atenção aos adeptos e à UEFA na questão das invasões de campo. Só no Portugal-Turquia foram cinco os fãs que entraram no relvado à procura de tocar ou tirar *selfies* com Cristiano Ronaldo. "Acredito que para os adeptos é algo que ambicionam muito, mas é uma situação sempre chata para nós e para a equipa adversária. Preocupa-nos. Queremos que o futebol seja mais seguro e rico", afirmou, lembrando que um dia pode correr mal. A UEFA anunciou, entretanto, o reforço das medidas de segurança para prevenir os intrusos no relvado, que serão alvo de processos criminais.

O guarda-redes, de 24 anos, admitiu que o golo sofrido no jogo com a República Checa "foi um pouco frustrante", porque passou o jogo todo sem ter de fazer uma intervenção difícil. E, com Portugal apurado para os oitavos de final, Diogo Costa assumiu que ainda não sabe se vai jogar frente à Geórgia, no encontro que fecha o Grupo F, ou se irá dar lugar a José Sá ou Rui Patrício. "Estou preparado para tudo o que tiver de acontecer. Claro que cada um tem a sua ambição em jogar e dar o seu contributo. Existe uma amizade grande e sólida entre os guarda-redes e isso vai dar força para o resto dos jogos. O selecionador ainda não disse quem vai jogar, mas o que mais importa é que a seleção ganhe", lembrou o guardião, que contabiliza 24 internacionalizações.

Diogo Costa espera ter aprendido com os erros cometidos no Mundial 2022, em que a seleção nacional foi eliminada nos quartos de final com Marrocos. "É verdade que no último Mundial não estive no meu melhor. Espero ter aprendido com os erros. Do meu lado, posso garantir trabalho e a promessa de que darei sempre o meu melhor", afirmou, em conferência de imprensa, antes de mais um treino da seleção, em Marienfeld.

MIGUEL A. LOPES/LUSA

José Sá, Ricardo, Diogo Costa e Rui Patrício no treino de ontem.

BREVES

Árbitro suíço dirige jogo com a Geórgia

O árbitro suíço Sandro Schärer vai dirigir amanhã (20h00, TVI) o jogo entre Portugal e a Geórgia, da terceira e última jornada do Grupo F do Euro 2024. O juiz, de 36 anos, que é internacional desde 2015, vai ser auxiliado pelo compatriota Bekim Zogaj e pelo alemão Stefan Lupp, enquanto Fedayi San vai estar no videoárbitro. O quatro árbitro será o ucraniano Mykola Balakin. Schärer, que neste Europeu já dirigiu o jogo entre a Eslovénia e a Dinamarca (1-1), no Grupo C, vai dirigir pela primeira vez a seleção nacional, depois de na última época ter estado no Atalanta-Sporting, da segunda mão dos oitavos de final da Liga Europa, que os italianos venceram por 2-1. O Geórgia-Portugal realiza-se na Veltins Arena, em Gelsenkirchen, sendo que a seleção nacional já tem garantido o apuramento e o primeiro lugar no Grupo F.

Jota, Ramos e Nuno Mendes condicionados

Diogo Jota, Gonçalo Ramos e Nuno Mendes realizaram ontem treino condicionado, a dois dias do jogo com a Geórgia, que vai encerrar o Grupo F do Euro 2024. Os dois avançados ainda subiram ao relvado e realizaram corrida e alguns exercícios à margem do restante grupo de trabalho orientado por Roberto Martínez, enquanto o defesa Nuno Mendes ficou no ginásio e efetuou trabalho específico. Os restantes 20 jogadores de campo treinaram com normalidade em Marienfeld, sendo que os três guarda-redes – Diogo Costa, Rui Patrício e José Sá – realizaram treino específico numa outra zona do relvado. Antes da sessão de trabalho se iniciar, Pepe e Francisco Conceição dirigiram-se a uma das zonas vedadas, onde muitos adeptos aguardavam, para distribuir autógrafos e tirar algumas fotografias.

Hjulmand, o figurante

Morten Hjulmand, médio do Sporting e da Dinamarca, está na moda no seu país. É que, além das exibições no Europeu, os adeptos descobriram-no na série televisiva *Borgen*, da qual foi figurante há 11 anos. As imagens são virais nas redes sociais.

Alemanha em alerta. Rüdiger lesiona-se a festejar

A seleção alemã está em alerta depois de Antonio Rüdiger, o patrão da defesa, se ter lesionado quando festejava o golo do empate 1-1 com a Suíça marcado aos 90+2 minutos, que garantiu o primeiro lugar do Grupo A. Na altura, o jogador correu para celebrar com Füllkrug e, de repente, atirou-se para o relvado com a mão num músculo da perna direita. O cenário é ainda mais preocupante porque o outro central, Jonathan Tah, cumpre castigo na partida dos oitavos de final.

Empate ao cair do pano apura Itália e poderá ter feito cair a Croácia

GRUPO B Itália assegura segundo lugar com golo de Zaccagni no último suspiro. Croácia à espera de um milagre para continuar em prova. Conjugação de resultados apura França, Países Baixos e Inglaterra para os oitavos de final.

TEXTO **DAVID PEREIRA**

Luka Modric viveu o inferno e o céu no espaço de um minuto, foi ovacionando quando saiu de campo e assistiu do banco ao golo ao cair do pano que muito provavelmente terá eliminado a sua Croácia. Entre o minuto 54 e 55 assumiu a execução de uma grande penalidade, permitiu a defesa de Gianluigi Donnarumma e instantes depois adiantou a seleção croata, para depois ser aclamado por todo o estádio aquando da sua substituição. Mas, já do banco, viveniou o balde de água gelada que foi o golo italiano marcado por Zaccagni, uma das derradeiras apostas do selecionador Luciano Spalletti, no último suspiro do jogo. Depois a bola foi ao centro do campo só para o árbitro neerlandês Danny Makkelie fazer soar o apito final.

De nada valeu ao 'mago' croata se ter tornado no mais velho jogador a marcar num Europeu, aos 38 anos e 289 dias. O empate muito provavelmente terá eliminado a Croácia deste Campeonato da Europa. É que os croatas, terceiros classificados do seu grupo, somaram apenas dois pontos e terminaram esta fase com um saldo de três golos negativos. Já há três grupos que na pior das hipóteses terão três terceiros classificados com três pontos e será necessária uma conjugação de resultados muito favorável nos grupos C e F para que os croatas ainda possam continuar em prova.

Itália, por sua vez, assegurou o segundo lugar no grupo B e agendou encontro com a Suíça, segunda classificada do grupo A, nos oitavos de final. A partida vai disputar-se no sábado (17.00) em Berlim, precisamente o palco no qual Itália festejou a conquista do título mundial em 2006.

Zaccagni tenta travar jogada de Stanisic (em cima). O n.º 20 italiano foi herói improvável frente à Croácia.

ODD ANDERSEN / AFP

Espanha faz o pleno

Num jogo em que só servia para cumprir o calendário, Espanha apresentou as segundas linhas – incluindo o ex-benfiquista Grimaldo – diante da Albânia, em Dusseldorf, mas ainda assim conseguiu fazer o pleno de vitórias na fase de grupos. Ferran Torres apontou o único golo do encontro aos 13 minutos, a passe de Dani Olmo.

Golo de Ferran Torres deu pleno de vitórias à Espanha no grupo B.

INA FASSBENDER / AFP

Apesar de ainda não se ter afirmado como titular num clube de topo, o atacante do Barcelona subiu ao sétimo lugar na lista de melhores marcadores de sempre pela seleção espanhola em fases finais, com cinco golos (três em Europeus, dois em Mundiais). À sua frente estão apenas David Villa (13), Álvaro Morata (10), Fernando Torres (9), Emilio Butragueño (6), Fernando Morientes (6) e Raúl (6).

Esta conjugação de resultados teve ainda implicações noutros grupos, pois significou o apuramento de Inglaterra, Países Baixos e França para os oitavos de final, porque na pior das hipóteses serão terceiros classificados dos respetivos grupos com quatro pontos. Tendo em conta que já há dois terceiros classificados em piores condições, Croácia (dois pontos) e Hungria (três), as três candidatas já sabem que vão continuar em prova.

david.pereira@dn.pt

Lamine pode valer multa

A federação espanhola pode ser multada em 30 mil euros por ter utilizado Lamine Yamal, de 16 anos, no jogo com a Itália. É que a lei alemã prevê multas para o empregador que permita que menores de 18 anos trabalhem após as 23 horas.

Varga foi operado devido às múltiplas fraturas

O húngaro Barnabás Varga foi ontem submetido a uma intervenção cirúrgica ao rosto devido às "múltiplas fraturas" que sofreu na sequência do choque com o guarda-redes Angus Gunn no decorrer do jogo de domingo com a Escócia. A federação húngara revelou que a cirurgia conduzida por médicos especialistas em "leões faciais" foi "bem-sucedida", pelo que o atleta terá alta amanhã. "Passámos por momentos muito difíceis em frente à televisão", disse Andras Varga, pai do jogador.

O selecionador Edward Iordanescu admite que a situação no Grupo E "é muito complicada".

JAVIER SORIANO / AFP

Arranjinho à vista entre Roménia e Eslováquia?

GRUPO E Empate no jogo de amanhã entre as duas seleções vale apuramento para os oitavos. Selecionador romeno fugiu à questão.

TEXTO **DAVID PEREIRA**

O Eslováquia-Roménia só se vai disputar amanhã, às 17h00, mas já está a motivar suspeitas. Tudo porque, tendo em conta que quatro pontos serão suficientes para qualquer terceiro classificado se apurar para os oitavos de final, um empate daria a ambas as seleções essa pontuação e, consequentemente, a uma delas o terceiro lugar no Grupo E.

Em caso de igualdade entre eslovacos e romenos apurar-se-ia também o vencedor do Bélgica-Ucrânia, com seis pontos. Por outro lado, se belgas e ucranianos também empatassem e todas as equipas terminassem com quatro pontos, quem ficaria de fora dos três primeiros seria a Ucrânia, por ter o pior saldo de golos.

Por dar jeito a ambas as seleções, o empate entre Eslováquia e Roménia tornou-se o resultado mais provável nas casas de apostas, o que muito raramente acontece. No Placard, por exemplo, valerá a cada apostador 2,10 euros por cada euro apostado, contra os 3,10 da vitória eslovaca e os 3,60 do triunfo romeno.

O assunto até já foi tema nas conferências de imprensa das seleções, com o médio eslovaco Stanislav Lobotka e o selecionador romeno, Edward Iordanescu, a chutarem para canto. "Ainda não começámos a utilizar as calculadoras", afirmou o médio do Nápoles. "A situação no grupo é muito complicada. É o grupo mais complicado. É o primeiro momento em que vamos olhar também para os outros resultados", comentou o treinador.

42 anos de "biscotto"

Em Itália os arranjinhos são chamados de *biscotto*, designação que tem vindo a ser internacionalizada. Curiosamente, o *biscotto* mais polémico da história dos Campeonatos da Europa prejudicou Itália e aconteceu em... Portugal. No Euro 2004, Suécia e Dinamarca sabiam que um empate a dois ou mais golos no Bessa daria a ambas o apuramento para os quartos de final e eliminaria Itália, que à mesma hora defrontava a Bulgária em Guimarães. E a verdade é que registou-se mesmo mesmo um empate 2-2.

O primeiro arranjinho que ficou famoso em grandes torneios aconteceu no Mundial 1982, quando a Alemanha bateu a Áustria por 1-0 na última jornada da fase de grupos, um resultado que serviu a ambas as seleções e prejudicou a Argélia, que havia disputado o seu derradeiro encontro no dia anterior. O caso ficou conhecido como a "Desgraça de Gijón". Daí para cá, a FIFA passou a colocar sempre os jogos da última jornada à mesma hora do mesmo dia.

david.pereira@dn.pt

CALENDÁRIO E CLASSIFICAÇÕES

GRUPO A

Jogo	Resultado
Alemanha-Escócia	5-1
Hungria-Suíça	1-3
Escócia-Suíça	1-1
Alemanha-Hungria	2-0
Suíça-Alemanha	1-1
Escócia-Hungria	0-1

	P	J	G
1.º Alemanha	7	3	8-2
2.º Suíça	5	3	5-3
4.º Hungria	3	3	2-5
3.º Escócia	1	3	2-7

GRUPO B

Jogo	Resultado
Espanha-Croácia	3-0
Itália-Albânia	2-1
Croácia-Albânia	2-2
Espanha-Itália	1-0
Croácia-Itália	1-1
Albânia-Espanha	0-1

	P	J	G
1.º Espanha	9	3	5-0
2.º Itália	4	3	3-3
3.º Croácia	2	3	3-6
4.º Albânia	1	3	3-5

GRUPO C

Jogo	Resultado
Eslovénia-Dinamarca	1-1
Sérvia-Inglaterra	0-1
Eslovénia-Sérvia	1-1
Dinamarca-Inglaterra	1-1
Inglaterra-Eslovénia (hoje, 20h00)	
Dinamarca-Sérvia (hoje, 20h00, SIC)	

	P	J	G
1.º Inglaterra	4	2	2-1
2.º Dinamarca	2	2	2-2
3.º Eslovénia	2	2	2-2
4.º Sérvia	1	2	1-2

GRUPO D

Jogo	Resultado
Polónia-Países Baixos	1-2
Áustria-França	0-1
Polónia-Áustria	1-3
Países Baixos-França	0-0
Países Baixos-Áustria (hoje, 17h00)	
França-Polónia (hoje, 17h00)	

	P	J	G
1.º Países Baixos	4	2	2-1
2.º França	4	2	1-0
3.º Áustria	3	2	3-2
4.º Polónia	0	2	2-5

GRUPO E

Jogo	Resultado
Roménia-Ucrânia	3-0
Bélgica-Eslováquia	0-1
Eslováquia-Ucrânia	1-2
Bélgica-Roménia	2-0
Eslováquia-Roménia (amanhã, 17h00)	
Ucrânia-Bélgica (amanhã, 17h00)	

	P	J	G
1.º Roménia	3	2	3-2
2.º Bélgica	3	2	2-1
3.º Eslováquia	3	2	2-2
4.º Ucrânia	3	2	2-4

GRUPO F

Jogo	Resultado
Turquia-Geórgia	3-1
Portugal-Rep. Checa	2-1
Geórgia-Rep. Checa	1-1
Turquia-Portugal	3-0
Rep. Checa-Turquia (amanhã, 20h00)	
Geórgia-Portugal (amanhã, 20h00, TVI)	

	P	J	G
1.º Portugal	6	2	5-1
2.º Turquia	3	2	3-1
3.º Rep. Checa	1	2	2-3
4.º Geórgia	1	2	2-4

OITAVOS DE FINAL

29/6: Suíça-Itália (J37)
29/6: Alemanha-2.º gr. C (J38)
30/6: 1.º gr. C-3.º gr D/E/F (J39)
30/6: Espanha-3.º gr A/D/E/F (J40)
1/7: 2.º gr. D-2.º gr. E (J41)
1/7: Portugal-3.º gr. A/B/C (J42)
2/7: 1.º gr. E-3.º gr. A/B/C/D (J43)
2/7: 1.º gr. D-2.º gr. F (J44)

QUARTOS DE FINAL

5/7: Venc. J39-Venc. J37 (J45)
5/7: Venc. J41-Venc. J42 (J46)
6/7: Venc. J40-Venc. J38 (J47)
5/7: Venc. J43-Venc. J44 (J48)

MEIAS-FINAIS

9/7: Venc. J45-Venc. J46
10/7: Venc. J47-Venc. J48

FINAL

14/7, em Berlim (20h00)

*Todos os jogos com transmissão em direto na SportTV

Única sobrevivente dos The Mamas & The Papas, Michelle Phillips está há muito afastada nas lides musicais.

AFP

Recordando The Mamas & The Papas: *Mama* Michelle aos 80 anos

MÚSICA Regresso sobre a rápida ascensão e momentos-chave da carreira dos The Mamas & The Papas, o grupo que em apenas três anos de existência – 1965-1968 – conquistou o mundo e deixou êxitos como *California Dreamin'* ou *Monday, Monday*. O pretexto? O 80.º aniversário de Michelle Phillips, a única sobrevivente do quarteto.

TEXTO **ISABEL MONTEIRO***

A única sobrevivente do famosíssimo quarteto americano The Mamas & The Papas (M&P) – Michelle Phillips –, afastada há décadas das lides musicais, celebrou 80 anos no passado dia 4. Tempo para recordar momentos-chave da sua carreira e da rápida ascensão do grupo que a tornou famosa e que, em menos de três anos de existência (1965-1968), conquistou o mundo com sucessivos êxitos discográficos.

Teias que a música tece

John era casado e pai de duas crianças. Quando o conheceu, Michelle apaixonou-se irremediavelmente por ele. Denny nutria um amor platónico por Cass, que o amava perdidamente. Em breve John divorciava-se e casava com Michelle, que adorava Cass, mas que não se furtava a flirtar – por vezes até um pouco mais do que isso – com os melhores amigos do marido, inclusivamente Denny.

Estes dois casais fariam história numa época em que se tinha esgotado o modelo de música *folk* interpretada por trios e quartetos vocais com guitarra, que ganhavam a vida cantando em clubes e cafés. A adesão do público a este género musical estava também a desvanecer-se e as oportunidades de trabalho para os músicos iam escasseando.

Com o impacto da passagem dos The Beatles na televisão americana, em 1964, os jovens que tentavam afirmar-se profissionalmente na música *folk* das duas uma: ou desistiam e seguiam outra via (como parece ter acontecido a muitos), ou passavam a apresentar-se com guitarras elétricas e bateria, emulando as superestrelas britânicas. Entre estes, o célebre caso de Bob Dylan, quando deixou o *folk* e se dedicou ao *rock*, ou a banda The Byrds, que alcançava um tremendo êxito com *Mr.*

The Mamas & The Papas nasceram nestas circunstâncias, inebriados pelo universo dos Beatles e estimulados pelo sucesso dos Byrds.

Tambourine Man, uma canção precisamente de Dylan gravada com instrumentos elétricos, criando aquilo que viria a designar-se como *folk-rock* (à falta de melhor termo). Os The Mamas & The Papas nasceram nestas circunstâncias, inebriados pelo universo dos The Beatles e estimulados pelo sucesso dos The Byrds, seus amigos da cena *folk*: "Se eles conseguem… porque não conseguiríamos nós?"

Recuemos um pouco.

Ao ritmo dos verdes anos

Em 1961, John Phillips, 25 anos, ganhava a vida como músico do muito bem-sucedido grupo The Journeymen, resultante da dissolução e reforma sucessiva dos anteriores The Abstracts e The Smoothies. Holly Michelle, 16, lindíssima e invulgarmente independente, conheceu-o numas férias, quando ele tocava num clube de S. Francisco, e, apesar da grande paixão por ele, não teve alternativa senão voltar para casa em Los Angeles e concluir o liceu. Por essa altura, Denny Doherty, canadiano de 21 anos, fazia-se notar em Montreal pela sua excecional voz no trio de música *folk* The Colonials. E Ellen Cohen, agora sob o nome artístico de Cass Elliot, com 20, rumara a Nova Iorque, onde procurava entrar no difícil meio do teatro musical.

Esta era, na época, a cidade das oportunidades para os músicos *folk*, onde acabariam todos por convergir: John com o seu trio – mais tarde remodelado e rebatizado The New Journeymen, quando convenceu Michelle a substituir um cantor demissionário – e Denny com os colegas canadianos, renomeados The Halifax Three.

Cass, entretanto, tinha conseguido apenas um pequeno papel no elenco de itinerância do musical *The Music Man* durante o verão. Mas no final do ano era convidada para um trio de música *folk*, The Triumvirate, em Chicago, regressando a Nova Iorque poucos meses depois com um novo elenco, agora chamado The Big 3, que, por sua vez, daria origem aos The Mugwumps, constituído por músicos de vários grupos desbaratados, entre eles Denny. A sólida experiência musical de John não evitava que passasse pelas mesmas vicissitudes e, em meados de 1964, perdia um colega no grupo, de que resultaria o convite a Denny, novamente sem trabalho.

Finalmente The Mamas & The Papas

Reza a história que os New Journeymen – versão John, Michelle e Denny – em 1965 resolveram ir de férias juntos para as Ilhas Virgens, nas Caraíbas, levando com eles alguns amigos. Aqui – os lemas da década, "paz, amor e liberdade" ou "sexo, drogas e *rock'n'roll*", completamente em vigor – viveram um período idílico, unanimemente descrito por todos como de extrema felicidade. Cass, que tinha ido lá ter mais tarde devido a um prévio compromisso, passou então a cantar informalmente com o grupo e, na prática, foi aprendendo todo o seu repertório. Quando o dinheiro e os cartões de crédito se esgotaram, constatando que nem sequer tinham como pagar a viagem de regresso – à exceção de Cass, que tinha bilhete de ida e volta –, John resolveu que apostariam os últimos 20 dólares no casino, conseguindo que Michelle, com sorte de principiante, ganhasse aos dados o suficiente para comprarem as passagens. Em 1.ª classe!

Em Los Angeles – o novo santuário para os jovens aspirantes ao estrelato – conseguem um contrato discográfico como quarteto, mudam o nome para The Mamas & The Papas e deixam o produtor Lou Adler (1933) absolutamente rendido logo à primeira audição.

Cass, considerada, entretanto, como a estrela do grupo – especialmente depois do êxito de *Dream a Little Dream of Me* –, seria a primeira a bater com a porta e prosseguir uma carreira a solo, tristemente curta, mas bem-sucedida.

Já em Los Angeles – o novo santuário para os jovens aspirantes ao estrelato –, conseguem um contrato discográfico como quarteto, mudam o nome para The Mamas & The Papas e deixam o produtor Lou Adler (1933) absolutamente rendido logo à primeira audição. Este, com receio de os perder e vendo neles alguma hesitação, perguntou o que pretendiam que lhes desse para assinarem com ele. É lendária a resposta de John: "Queremos um rio de dinheiro do seu escritório para a nossa casa." Estavam falidos, tinham dívidas, dormiam na sala de um amigo… No dia seguinte estavam ricos, com dinheiro no bolso, uma casa, e cada um escolheu um carro ao seu gosto: um Cadilac descapotável para Denny, dois Jaguares gémeos para o casal Phillips e um Porsche *coupé* para Cass.

Aquele retiro paradisíaco tinha-lhes proporcionado condições para fazerem música juntos e para John aprimorar os arranjos vocais que caracterizariam os M&P, tendo assim material mais do que suficiente para gravar um álbum de imediato. Todos tinham experiência de palco e de estúdio, pelo que não é de estranhar que, um ano depois, tivessem já um *single* e um álbum em n.º 1, sendo depois galardoados com um Grammy.

Os tempos de euforia que se seguiram ao sucesso vertiginoso, descritos pelos próprios em entrevistas posteriores, autobiografias e memórias [entre outras, *California Dreamin'* (Michelle Phillips, 1980), *Gettin' Kinda Itchie* (Ricard Campbell, 2023) ou o afetuoso *My Mama, Cass, A Memoir* (Owen Elliot-Kugell, 2024)], levariam ao típico desgaste das relações entre os quatro, sendo referidos em particular os problemas com o excesso de dinheiro e drogas a rodos. Em 1967, John e Michelle ainda estiveram envolvidos na organização de um dos eventos que marcaram a era *hippie* em S. Francisco – o Festival Pop de Monterey –, em que os M&P tiveram honras de encerramento. Mas não duraram muito mais. Cass, considerada entretanto como a estrela do grupo – especialmente depois do êxito de *Dream a Little Dream of Me* –, seria a primeira a bater com a porta e prosseguir uma carreira a solo, tristemente curta, mas bem-sucedida.

Cass Elliot (1941-1974)

Desaparecida aos 32 anos de idade – há precisamente 50 anos – no auge do sucesso, Cass foi encontrada sem vida, devido a um ataque cardíaco, numa fase feliz da sua carreira, em que esgotara lotações durante duas semanas no Palladium de Londres, a cidade de que tanto gostava e onde tinha conhecido os seus adorados The Beatles.

Ficou na história pela voz carismática e indiscutível talento, extraordinária empatia com o público e sentido de humor. Superou as grandes contrariedades da obesidade que a afligiu ao longo da vida – um tópico desconsiderado na época e motivo de exclusão liminar no mundo do espetáculo –, mas que não a impediu de singrar. Foi um raro exemplo da mulher independente num meio predominantemente masculino, cuja maior glória terá sido, certamente, a decisão de ser mãe solteira sem deixar que isso afetasse a sua carreira, escondendo até à morte a identidade do pai da criança.

Depois dos M&P

John Phillips (1935-2001) prosseguiu uma carreira a solo, mas a crescente dependência de drogas duras limitava a qualidade do seu trabalho. Não obstante, em 1988 foi coautor de *Kokomo*, um estrondoso sucesso dos Beach Boys. Pouco antes tinha publicado uma autobiografia, *Papa John* (1986), onde assumia as loucuras do passado e os seus problemas de toxicodependência, bem como uma condenação e prisão. Em consequência dos excessos a saúde agravou-se e acabou por sofrer diversos problemas que o levaram à morte aos 65 anos.

Denny Doherty (1940-2007) ainda manteve atividade musical nos anos 70, incluindo numa nova versão dos Mamas & Papas com John e a sua filha mais velha, e criou um espetáculo de sucesso em Nova Iorque intitulado *Dream a Little Dream*, um monólogo encenado sobre a história do grupo. De regresso ao Canadá, prosseguiu uma carreira de ator, principalmente em televisão, morrendo aos 66 anos, de ataque cardíaco.

Michelle, cansada da banda e do marido, de quem se separou em 1968, e não se sentindo vocacionada para prosseguir na música a solo, resolveu estudar teatro, optando depois por uma carreira como atriz de cinema e televisão, mas participando pontualmente em projetos musicais. Teve mais dois casamentos e três relações conjugais, dos quais um durou uma semana (Dennis Hopper, famoso cineasta e ator) e a última quase 20 anos, com um cirurgião plástico. A eterna garota aparentemente tímida, mas descarada – que num programa de televisão em direto chegou a comer uma banana que decorava o cenário enquanto todos fingiam cantar em *playback*, a contragosto –, sendo a única sobrevivente, mantém-se como detentora dos mitos e memórias do grupo que lhe trouxe fama e proveito.

Legado dos M&P

Este grupo carismático marcou indiscutivelmente os anos 60 e a contracultura, por um lado com uma série de *singles* n.º 1 e álbuns de platina, por outro com a imagem criada em inúmeros programas de televisão de grande audiência, influenciando sucessivas gerações de músicos. Hoje continuam a ouvir-se êxitos como *California Dreamin'* ou *Monday, Monday* ou ainda a singular *Creeque Alley*, uma deliciosa crónica – cantada e harmonizada com mestria – dos encontros e casualidades que levaram à criação da banda *pop-folk* The Mamas & The Papas.

** Flautista.*

Em menos de três anos, The Mamas & The Papas conquistaram o mundo com sucessivos sucessos.

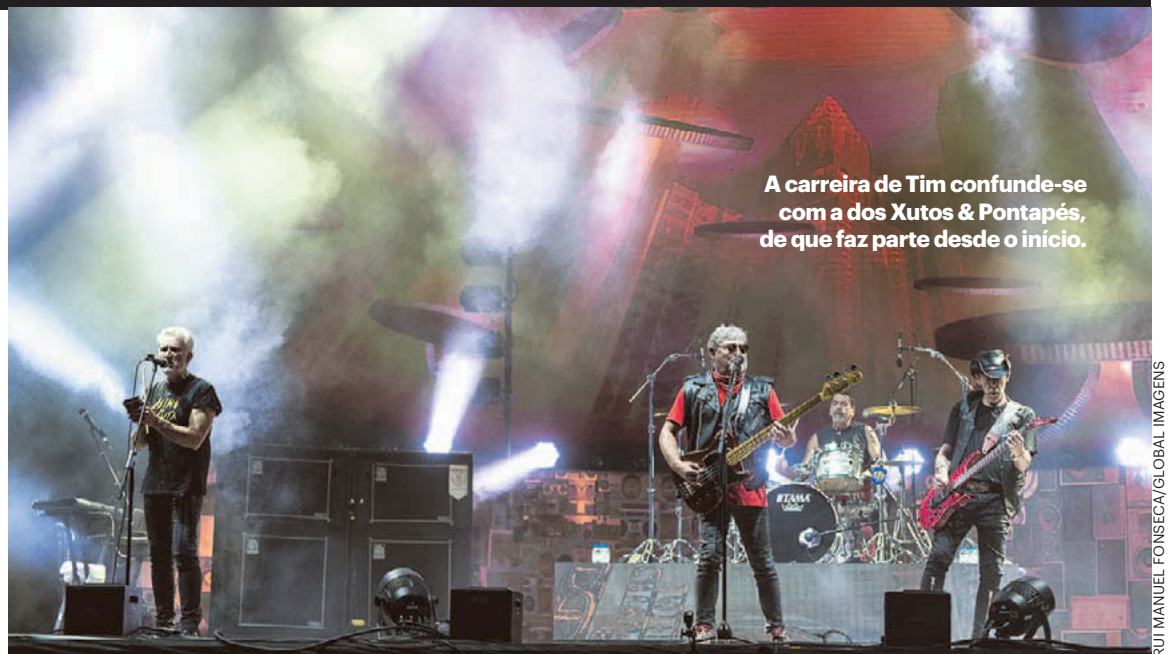
O Fim do Teatro e teatromosca recriam comuna anarquista

Uma comuna anarquista no interior dos Alpes austríacos na década de 70, cujo projeto acaba gorado, é o cenário da peça *Adrianopla*, uma coprodução do teatromosca e de O Fim do Teatro, em cena em Agualva-Cacém, Sintra.

Adrianopla tem como pretexto um documentário que está a ser realizado sobre uma comuna anarquista, constituída por um grupo de utópicos que invadiu uma propriedade rural para ali instalar uma sociedade baseada na igualdade, segundo a sinopse da peça. A narrativa constrói-se sobre múltiplas versões dos mesmos acontecimentos, num só dia, por cada um dos elementos do grupo, pondo em evidência diferentes perspetivas e contradições.

Na comuna ninguém pode ser proprietário de nada, o dinheiro é proibido, não existe monogamia e os filhos nascidos no seu interior têm paternidade coletiva.

A tentativa de manter a ordem social e as fragilidades do líder da comuna, que se vai revelando incapaz de aguentar os constantes subornos que lhe propõem, a par dos conflitos individuais que surgem, acabam por fornecer o verdadeiro documentário sobre *Adrianopla*: a demonstração de como ideais de um mundo diferente cedem perante os mais banais pecados da dimensão humana.

A interpretar *Adrianopla* estão Paula Garcia, Rafael Barreto e Wagner Borges. A peça fica em cena até dia 29 no Auditório Municipal António Silva, em Agualva-Cacém, de quinta a sábado, às 21h00. No último dia haverá sessão em *live streaming* no palco virtual do teatromosca, na plataforma BOL, pelas 21h00.

A carreira de Tim confunde-se com a dos Xutos & Pontapés, de que faz parte desde o início.

RUI MANUEL FONSECA/GLOBAL IMAGENS

Livro reúne letras escritas por Tim em quase 50 anos de carreira

MÚSICA *Milhares de Palavras* reúne sobretudo letras que Tim escreveu para os Xutos & Pontapés, mas inclui também palavras que cantou em nome próprio e quatro temas escritos para outros.

Milhares de Palavras escritas pelo músico Tim, sobretudo para os Xutos & Pontapés, nos últimos 50 anos, foram reunidas num livro, no qual partilha que se aventurou pelas "letras completas" tendo Zé Pedro e Zé Leonel "como mestres".

O livro *Milhares de Palavras* reúne sobretudo letras que Tim escreveu para os Xutos & Pontapés, mas inclui também palavras que cantou em nome próprio e quatro temas escritos para outros: Tais Quais, banda de que também faz parte, Teresa Salgueiro, Quinta do Bill e Carlos Moisés.

Num dos textos que abre o livro, Tim partilha que no início da carreira dos Xutos & Pontapés eram Zé Pedro e Zé Leonel, que pouco depois abandonou o grupo, que escreviam as letras das músicas. Nessa altura, a Tim cabia ajudar nos refrãos, como aconteceu nas letras de *Sémen* ou *Não Sou o Único*.

Foi com "estes dois mestres", Zé Pedro e Zé Leonel, que Tim se aventurou nas letras completas. *Quero Mais* e *Toca e Foge*, incluídas no álbum *78/82*, editado em 1982, foram as primeiras.

"Um belo começo", considera Tim, que "seguia com atenção" o trabalho de outros escritores de canções, como António Manuel Ribeiro (UHF), Rui Reininho (GNR), Carlos Tê, Pedro Malaquias e, mais tarde, João Monge.

No livro estão letras de alguns dos temas mais populares dos Xutos & Pontapés, como *Remar Remar*, *Homem do Leme*, *Conta-me Histórias*, *Contentores*, *Circo de Feras*, *À Minha Maneira*, *Para Ti Maria*, *Dia de São Receber*, *Chuva Dissolvente*, *Para Sempre* ou *Ai se Ele Cai*. Com edição de Jorge Pereirinha Pires, que assina o Prelúdio, as letras estão divididas por álbuns, e a maioria dos capítulos tem pequenos textos introdutórios, com contextualização feita na primeira pessoa por Tim.

A carreira de Tim, enquanto músico, autor e compositor, confunde-se com a dos Xutos & Pontapés, banda de que faz parte desde o início. O nascimento oficial dos Xutos & Pontapés aconteceu há 45 anos, em 13 de janeiro de 1979, no salão de baile dos Alunos de Apolo, em Lisboa, numa noite em que tocaram quatro músicas em pouco mais de cinco minutos.

> No livro, as letras estão divididas por álbuns e a maioria dos capítulos têm pequenos textos introdutórios com contextualização feita na primeira pessoa por Tim.

Na altura, o grupo, que chegou a chamar-se Delirium Tremens e depois Beijinhos e Parabéns, integrava os jovens Zé Pedro, Kalú, Tim e Zé Leonel, influenciados pelo *punk-rock* que entrava em força na cena musical estrangeira. Ao longo dos primeiros anos da década de 80, em diferentes momentos, Zé Leonel abandonou o grupo, e depois entraram João Cabeleira e Gui.

Quarenta e cinco anos depois do primeiro concerto, o grupo persiste na música portuguesa com mais de uma dezena de álbuns e muitas canções que servem de âncora para um clã do *rock* com milhares de fãs de várias gerações. Mesmo depois da morte do guitarrista Zé Pedro, em 2017, a banda manteve-se ativa, em palco e em estúdio, com Tim (vocalista e baixista), João Cabeleira (guitarrista), Gui (saxofonista) e Kalú (baterista).

Na década de 90, Tim fez parte dos Resistência e dos Rio Grande e editou o primeiro álbum a solo, *Olhos Meus*. Seguiram-se *Um e o Outro*, em 2006, *Braço de Prata*, em 2008, e *Companheiros de Aventura*, em 2010. O músico também faz parte dos projetos Cabeças no Ar, Tais Quais e SVT, além de ter colaborações com vários artistas.

O livro *Milhares de Palavras*, editado pela Minotauro, já está nas livrarias.

Opinião
Guilherme d'Oliveira Martins

Escritos de Inglaterra

Kenneth Maxwell, autor de *Pombal: Paradoxo do Iluminismo*, defendeu a necessidade de publicação dos escritos completos pombalinos para se compreender melhor e detalhadamente o âmbito e as consequências do consulado de Sebastião José de Carvalho e Melo na história de Portugal, da Europa e do mundo. É por isso importante podermos contar com a publicação pela Imprensa da Universidade de Coimbra da Obra Pombalina, dirigida por José Eduardo Franco, Pedro Calafate e Viriato Soromenho-Marques. Os *Escritos de Inglaterra* (1738-1739) são o I volume, com coordenação de Ana Leal de Faria. Como se sabe, antes de ser chamado a funções de governo no reinado de D. José, o futuro Marquês de Pombal exerceu atividade diplomática como enviado extraordinário de D. João V em Londres (1738-1743) e em Viena (1745-1749). São momentos cruciais para a experiência do futuro governante, nos quais podemos vislumbrar algumas razões para o enigmático paradoxo. Pouco antes de partir para Londres, o futuro Marquês recebera a herança de seu tio Paulo Carvalho e Ataíde, arcipreste da Patriarcal, que lhe deixou, entre outros bens, o morgadio em que se integraria a Quinta de Oeiras, de onde proveio fortuna e o título de conde de Oeiras, concedido por D. José em 1759. O futuro governante não tinha diplomas universitários, mas tinha frequentado, por influência do avô, a Academia dos Ilustrados, onde pontuaram os marqueses de Alegrete e de Valença e o 4.º conde da Ericeira, erudito cuja obra foi essencial na tentativa de modernização económica do reino. Este convívio terá por certo pesado na eleição de Sebastião José para membro da Academia Real da História Portuguesa em 1733, servindo de base para uma fulgurante carreira. Sendo certo que não desenvolveu ação académica relevante até ser nomeado para Londres, a verdade é que se destacou pela atenção aos acontecimentos do mundo e pelas qualidades literárias.

Quando Carvalho e Melo chega a Londres, Jorge II, da dinastia de Hanôver, reinava há dez anos, com predominância parlamentar *whig*, na linha da Gloriosa Revolução de 1688. A Inglaterra tinha a hegemonia marítima e era árbitro na Europa, enquanto D. João V, graças ao ouro brasileiro, praticava uma política de neutralidade, interpretada pelas potências europeias como de cedência aos britânicos, insuficiente, porém, no Estado da Índia perante a ofensiva marata na província do Norte. A Companhia Inglesa das Índias Orientais surpreende Sebastião José pela influência na governação, e Portugal, em resultado disso, via-se prejudicado sem que houvesse reciprocidade, como diz a António Guedes Pereira, secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar. Ao longo destas cartas, onde encontramos o protetor D. Luís da Cunha, sente-se a tomada de consciência da desvantagem portuguesa e da necessidade de uma política mais autónoma, capaz de superar o atraso e de encontrar novos instrumentos de ação. No fundo, era o futuro que se preparava.

> **Quando Carvalho e Melo chega a Londres, Jorge II, da dinastia de Hanôver, reinava há dez anos, com predominância parlamentar *whig*, na linha da Gloriosa Revolução de 1688. A Inglaterra tinha a hegemonia marítima e era árbitro na Europa, enquanto D. João V, graças ao ouro brasileiro, praticava uma política de neutralidade.**

Administrador executivo da Fundação Calouste Gulbenkian.

Opinião
Luís Castro Mendes

Camões, nosso contemporâneo

O que mais aprendi na leitura de Camões foi a música própria da nossa língua, que este grande poeta soube fixar, a partir dos ritmos italianos da "medida nova", passando pela pronúncia clara e aberta do castelhano e pelo rigor sintático do latim, indo de Vergílio e Petrarca a Garcilaso e Boscán. O português deve-lhe a suprema melodia da sua linguagem poética.

E ninguém o ultrapassou. Cesário e Pessanha criaram novos ritmos a partir da sua linguagem, Pessoa desdenhou-o, sem o conseguir ultrapassar, e nós todos, os que nos atrevemos a entrar "nos recessos de uma língua nova", como dizia Jorge de Sena, e ousamos escrever poesia, somos seus devedores.

Eu tive a sorte de ler muito jovem o texto precursor de Jorge de Sena *Ensaio de revelação da dialética camoniana* (1948) e essa leitura abriu-me o espírito para a subtileza e complexidade intelectual da obra de Camões e preparou-me para as análises de Hélder Macedo, de Vasco Graça Moura e de Vítor Aguiar e Silva, entre outros.

Não é um poeta simples, nem um poeta unívoco. Como em todos os grandes poetas, passam por sobre todas as suas crenças e ideologias, mais ou menos assumidas, as ambiguidades e as contradições inerentes à "mísera sorte, estranha condição" destes "bichos da terra tão pequenos" que nós somos e que a poesia vem sempre inquietar mais do que doutrinar.

O seu tempo não é o nosso, mas a mestria da sua poética e as suas mais profundas inquietações humanas são bem do nosso tempo e da nossa cultura. Não diminuiu o "desconcerto do mundo" nem a "má fortuna", que, ligada ou não aos nossos erros, temperada ou não pelo "amor ardente", continua a seguir-nos, como implacável Némesis.

As contradições e subtilezas do amor, em que Camões vai além dos trovadores e de Petrarca na lúcida consciência da dilaceração interna em que vive o ser amoroso, "cada um com seu contrário num sujeito", como brilhantemente diz a "Canção VII", também o aproximam de nós. Camões está entre os nossos contemporâneos, como o considerou Hélder Macedo, porque o triunfo da grande poesia é sobreviver a todos os tempos.

Isso não quer dizer que nos possam ser indiferentes as determinações da sua época na nossa leitura de Camões. Para citar três livros recentes, no primeiro Frederico Lourenço mostra tudo o que Camões deve à cultura greco-latina de que o seu tempo estava imbuído e que nós, com algumas exceções, já esquecemos; por outro lado, Carlos Maria Bobone procura integrar-nos na atmosfera cultural que formou e rodeou o nosso poeta, enquanto Isabel Rio Novo tenta e consegue o difícil empreendimento de apresentar uma nova visão sobre a biografia de Camões, sobre a qual tão poucos documentos dispomos.

Mas a leitura, em voz alta e clara, da poesia de Camões será sempre a melhor maneira de nos aproximarmos da sua voz.

> **O que mais aprendi na leitura de Camões foi a música própria da nossa língua, que este grande poeta soube fixar, a partir dos ritmos italianos da "medida nova", passando pela pronúncia clara e aberta do castelhano e pelo rigor sintático do latim, indo de Vergílio e Petrarca a Garcilaso e Boscán. O português deve-lhe a suprema melodia da sua linguagem poética.**

Diplomata e escritor.

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:
1. Caule. Apoio. **2.** Guarnecer com abas. Remanescer. **3.** Pedra preciosa com duas camadas de cor diferente, sobre uma das quais foi gravada uma figura em relevo. Laguna. **4.** Paralisia dos órgãos da fala. Produzir som. **5.** «De» + «a». Intestino. **6.** Campo de liça. Planta da família das valerianáceas, cuja flor é muito aromática. **7.** Grande cadeia de montanhas ligadas entre si. Empresa Pública. **8.** Galho. Aparato. **9.** Elemento de formação de palavras que exprime a ideia de vinho. Tornar claro. **10.** Suco de substâncias animais e vegetais que, resfriando, adquire uma consistência branda e trémula. Qualquer de entre dois ou mais. **11.** Cordão de metal ou de requife que guarnece ou abotoa a frente do vestuário. Levantar.

Verticais:
1. Pancada de taco. Molha (popular). **2.** Partir. Círculo. **3.** Terra ensopada em água. Óbolo. **4.** Verbal. Prefixo (novo). Preposição que indica lugar. **5.** Fixar a vista em. Serviços Secretos dos EUA. **6.** Assorear. Triturar. **7.** Que me pertence. Cheira. **8.** Post-scriptum (abreviatura). Sociedade Portuguesa de Autores (sigla). Grande caixa com tampa plana. **9.** Produzir abalo com o estrondo. Que não é imaginário. **10.** Fronteira. Nódoa deixada pelo dedo. **11.** Discursar. Produzir um efeito.

SUDOKU

		5	1		8		3	2
1		2		6		5		
	3		9				8	
						3		7
2		3		1		9		
			7		9			
9				2				1
7		4			5		6	
			4	7			5	

SOLUÇÕES

6	9	5	1	4	8	7	3	2
1	8	2	3	6	7	5	9	4
4	3	7	9	5	2	1	8	6
5	6	9	2	8	4	3	1	7
2	7	3	5	1	6	9	4	8
8	4	1	7	3	9	6	2	5
9	5	8	6	2	3	4	7	1
7	1	4	8	9	5	2	6	3
3	2	6	4	7	1	8	5	9

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Talo. Amparo. 2. Abar. Restar. 3. Camafeu. Ria. 4. Alalia. Soar. 5. Da. Tripa. 6. Arena. Nardo. 7. Serra. EP. 8. Ramo. Alarde. 9. Eno. Clarear. 10. Geleia. Cada. 11. Alamar. Alar.
Verticais:
1. Tacada. Rega. 2. Abalar. Anel. 3. Lama. Esmola. 4. Oral. Neo. Em. 5. Fitar. CIA. 6. Arear. Ralar. 7. Meu. Inala. 8. PS. SPA. Arca. 9. Atroar. Real. 10. Raia. Dedada. 11. Orar. Operar.

No exterior destaca-se a ampla curvatura do para-brisas e do tejadilho, que termina numa traseira esculpida para reduzir o arrastamento.

Em cerca de 200 km percorridos, os bancos da frente do Scenic E-Tech proporcionaram um elevado nível de conforto.

A bordo do Scenic E-Tech somos recebidos por um ambiente sonoro criado pelo músico francês Jean-Michel Jarre.

RENAULT SCENIC E-TECH ELECTRIC: A cura para os dias cinzentos

MOTORES Neste SUV elétrico familiar o espaço interior é abundante e o *design* exterior revela uma grande preocupação com a aerodinâmica. Já está disponível no mercado português em quatro versões.

TEXTO **FERNANDO MARQUES** / MOTOR24

A rotina diária de uma família a bordo do novo Scenic E-Tech Electric pode começar com as crianças a pedirem ao assistente de bordo: "Hey Google, queremos ver o sol", para o teto Solarbay ficar transparente. Na verdade, durante a apresentação internacional que ocorreu em Málaga ainda não funcionou connosco – tivemos de fazer o pedido em inglês –, mas é provável que em breve a solicitação na língua portuguesa seja cumprida.

São 70 as instruções que podem ser dadas utilizando o Google Assistant para comandar desde a climatização e modos de condução até ao destino a inserir no GPS. Com base na rotina diária, o Google Assistant pode sugerir proativamente um destino, uma música para a viagem ou até mesmo desembaciar os vidros. Para além disso, o OpenR Link integra o Google Play, onde estão disponíveis mais de 50 aplicações.

O novo Scenic E-Tech Electric é um SUV elétrico familiar e utiliza a nova plataforma modular dedicada AmpR Medium. É produzido na fábrica da Ampere – entidade do Grupo Renault especializada em veículos elétricos – em Douai, no Norte de França. O motor elétrico também é fabricado em território francês, na Megafactory de Cléon. Ao todo, 85% das peças do Scenic E-Tech elétrico são produzidas na Europa e mais de metade são de origem francesa.

A sustentabilidade é uma preocupação: até 24% dos materiais utilizados são de proveniência circular e mais de 90% são recicláveis. O *design* exterior revela uma grande preocupação com a aerodinâmica, destacando-se a ampla curvatura do para-brisas e do tejadilho, que termina numa traseira esculpida para reduzir o arrastamento. Na frente, o logótipo com o duplo diamante ao centro serve de motivo ao padrão gráfico na zona superior da grelha, estendendo-se até aos faróis, com a nova assinatura luminosa da marca.

O Scenic E-Tech está disponível com duas motorizações com base num motor síncrono mais compacto e leve e não utiliza as dispendiosas e difíceis de obter terras raras: 125 kW/170 cv e 280 Nm na versão de entrada e 160 kW/220 cv e 300 Nm na versão mais potente. As baterias são formadas por módulos que podem ser facilmente trocados e reparados individualmente. Será possível escolher uma versão de entrada com uma bateria de 60 kWh e a promessa de autonomia de 430 km; outra com 87 kWh que aumenta a distância entre carregamentos até aos 625 km. Com o carregador de série de 11 kW é possível obter 137 km de autonomia em duas horas, ou 275 km no mesmo tempo com o opcional de 22 kW em corrente alternada (AC). Já em corrente contínua (DC) a 150 kW bastam 30 minutos para carregar dos 10% aos 80% da bateria.

No interior, o espaço é abundante. A plataforma CMF-EV permite ter um fundo plano e colocar as rodas nas extremidades dos 4,47 m de comprimento e 1,86 m de largura do Scenic E-Tech. São mais 10 cm de comprimento em relação ao Megane E-Tech e os maiores beneficiados são os lugares da fila traseira, bem como o espaço disponível na bagageira, que vai dos 545 l aos 1670 l com os bancos traseiros rebatidos.

Em altura também foram conseguidos 3 cm com o inovador teto de vidro panorâmico Solarbay, ao dispensar a instalação de uma cortina mecânica ou elétrica. Esta cobertura de vidro ocupa a totalidade do tejadilho do Scenic E-Tech e utiliza a passagem de corrente elétrica para ficar totalmente opaco ou transparente por completo, somente na zona da frente ou atrás.

> São 70 as instruções que podem ser dadas utilizando o Google Assistant para comandar desde a climatização e modos de condução até ao destino a inserir no GPS.

A versão Esprit Alpine que conduzimos durante a apresentação em Málaga tem uma cor exclusiva, Cinzento Shiste Acetinado, e vários apontamentos, tanto no exterior, como no interior, que remetem para a Alpine, a marca desportiva do Grupo Renault. A bordo do Scenic E-Tech somos recebidos por um ambiente sonoro criado pelo músico francês Jean-Michel Jarre, que assina também o som que o carro emite para alertar os peões ao circular a baixa velocidade.

Em cerca de 200 km percorridos os bancos da frente do Scenic E-Tech proporcionaram um elevado nível de conforto e apoio lateral, particularmente o do condutor, pois permite os ajustes necessários para uma boa posição de condução. O seletor de sentido de marcha foi inteligentemente colocado na coluna de direção, mas não entendemos a insistência por parte da marca em ter os controlos de volume no mesmo local.

O formato do volante, mais perto de um retângulo do que de um círculo, tem boa ergonomia e, à semelhança do Megane E-Tech, recebeu um novo botão dedicado (Multi-Sense). Através dele é possível aceder a três predefinições: Comfort, Sport, Eco, e uma Custom, que pode ser personalizada. Cada modo cria uma atmosfera diferente, combinando as luzes interiores, o conforto do banco do condutor, a temperatura interior e a cor do ecrã com aspetos de condução, como o "peso" da direção, a calibração do motor e a resposta dos pedais.

No percurso de montanha não ficámos impressionados com o tato esponjoso do início do curso do pedal do travão, pelo que aproveitámos para experimentar os quatro níveis de travagem regenerativa controlados através das patilhas atrás do volante. O Scenic E-Tech demonstrou grande agilidade e eficiência, que acreditamos se deva ao eixo traseiro multibraços Parallel Link e ao peso referencial de 1890 kg para um elétrico neste segmento. Mas também um elevado conforto quando passámos em zonas urbanas com ruas em mau estado, apesar de estar equipado com jantes de 20". Foi ainda possível apreciar o silêncio a bordo que os responsáveis da Renault tão orgulhosamente exaltaram.

O Renault Scenic E-Tech Electric já está disponível no mercado português nas versões Evolution, Techno, Esprit Alpine e Iconic, a partir de 40.690 euros.

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 25 DE JUNHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)

FUNDADORES: Eduardo Coelho e Conde de S. Marçal

REDACTOR PRINCIPAL: José Rangel de Lima

O FASCISMO EM FOCO

Filipelli declara na prisão a greve da fome

MADRID, 24.—Segundo comunicação de Roma, Filipelli, director do jornal fascista «Il Corrière Italiano», e sobre o qual recaem fortes suspeitas de ter sido o principal causador da morte do deputado socialista Matteotti, declarou a greve da fome, recusando-se a tomar qualquer alimento e a responder ás preguntas que lhe são feitas para instrução do processo. Os outros individuos igualmente inculpados recusam-se tambem a responder aos interrogatorios.—Especial.

De Roma foram mandadas retirar as forças fascistas

ROMA, 24.—Foram mandadas retirar desta cidade as forças fascistas que aqui se tinham concentrado na previsão de qualquer tentativa de revolução contra o sr. Mussolini.—Especial.

A' nação italiana Um apêlo do Rei Victor Manuel

ROMA, 24.—No Senado italiano, o presidente, respondendo ao discurso da corôa, manifestou a sua profunda reprovação pelo assassinio de Matteotti, mostrando a necessidade de o sr. Mussolini definir a responsabilidade do parlamentar assassinado na situação.

Julga-se que o rei, ao receber a resposta, publicará um apêlo á nação, recomendando concordia e serenidade.—L.

Na Camara dos Comuns O partido trabalhista e o caso Matteotti

LONDRES, 24.—O sr. Macdonald declarou na Camara dos Comuns que o governo britanico não é responsavel pelas moções aprovadas pelas agremiações do partido trabalhista sobre o assassinio do deputado socialista italiano Matteotti.—L.

O CONFLITO TELEGRAFO-POSTAL

ainda não está solucionado

Cada vez se encontra mais complicado o conflito telegrafo postal. O facto de as autoridades terem proibido que o pessoal superior se reuna na sua associação, ainda mais o fez irritar. O presidente da assembleia geral reclamou junto do sr. ministro do Interior, protestando em nome da classe contra a proibição da reunião.

O pessoal superior aguarda que a sua associação seja reaberta, a fim de, ordeiramente, se reunir e tratar das suas reclamações.

O "ORPHEON" DE COIMBRA EM FRANÇA

Partem para Portugal os nossos academicos

BORDÉUS, 23.—A's 5 e 45 partiram directamente para Portugal 200 estudantes da Universidade de Coimbra.—H.

CONTRA A TUBERCULOSE

A conferencia do sr. dr. Lopo de Carvalho, ontem realizada

No ministerio do Trabalho, realizou ontem a sua anunciada conferencia sobre «A tuberculose em Portugal», o sr. dr. Lopo de Carvalho.

Por absoluta falta de espaço, não damos hoje o relato da conferencia feita pelo ilustre medico e professor da Faculdade de Medicina, o que faremos amanhã.

EUSEBIO DA FONSECA

O Supremo Tribunal de Justiça, na sua sessão de ontem, resolveu por unanimidade conceder provimento ao recurso interposto pelo sr. Eusebio da Fonseca, quando foi exonerado do lugar de director geral da Fazenda do ministerio das Colonias. Em virtude desta sentença, o sr. Eusebio da Fonseca deverá ser reintegrado nas suas antigas funções e indemnizado dos prejuizos sofridos.

Congratulamo-nos com esta sentença, porque, além de nos ser sempre agradavel vêr a inteira reabilitação de quem a merece, se trata de alguem que se recomenda pelos seus serviços e que, ficou provado por sentença dum tribunal respeitabilissimo, foi vitima duma acusação infundada.

Telef. — 365, 534, 2446 e 5310

FUNCIONALISMO PUBLICO

A proposta de lei melhorando a situação dos funcionarios do Estado que o governo vai apresentar ao Parlamento

A proposta de lei pro-aumento ao funcionalismo que vai ser discutida no Parlamento é precedida dum extenso relatorio que a falta de espaço nos impede de publicar. Nele se fazem referencias, em longos considerandos, ás causas que o originam e ás dificuldades que o governo encontra para o seu remedio e atenuação.

Refere-se ao estado do Tesouro, que não permite fazer face á carestia da vida como é de justiça fazê-lo. Ainda hoje, apesar de todos os esforços, não conta o governo com os recursos necessarios para conceder no funcionalismo uma melhoria de vencimentos que corresponda exactamente ao agravamento do custo da vida. No entanto, julgando inadiavel atender á situação dificil dos servidores do Estado, vem propor ao Parlamento a concessão, não do que seria justo conceder-se, mas daquilo que se compadece com os recursos do Tesouro Publico. Tem notas simpaticas a proposta de lei. Uma delas, por se tratar de humildes, que não costumam lembrar aos grandes, embora tenham serviços de valia, é a seguinte, que transcrevemos:

Em Cabeceiras de Basto, por ocasião das incursões monarquicas do Norte do país, foi morto um defensor da Republica. A' familia dessa vitima, concedeu o governo de então, um subsidio, devidamente inscrito no orçamento do ministerio das Finanças. Vieram as leis de melhorias, mas porque os subsidios não eram melhoraveis por essas leis, essa familia continúa a receber anualmente, os mesmos 660 escudos iniciais, isto é, 55 escudos mensais!

Perante a exiguidade de tal quantia, no actual momento, não ha que expender maiores e mais demoradas considerações.

E' uma injustiça e para a remediar propõe-se que esse subsidio passe a denominar-se pensão, que outra cousa ele não é, e então já as leis de melhorias sobre ela actuarão, minorando a sorte dessa familia que perdeu o seu chefe em defesa da Republica. E' a doutrina do art. 6.º da proposta.

Quanto ás pensões de sangue melhorados, concedidas ás familias de oficiais mortos em campanha ou em razão de serviço, têm um limite maximo de 300 escudos, que não póde ser excedido.

A guarda fiscal, os funcionarios do ministerio das Colonias, os padres pensionistas, os funcionarios publicos em disponibilidade, etc., todos são atingidos pela proposta governamental, cujos encargos provaveis que resultam das disposições desta lei, segundo o relatorio, devem ser:

Aplicação do coeficiente 12 a todos os vencimentos, 100.000 contos; modificação de percentagens á guarda fiscal, 8 .000; idem á guarda republicana, 10.000; das outras disposições (aproximadamente) 2.000. Soma, 120.000 contos.

Proposta de lei

Artigo 1.º—O coeficiente da carestia de vida, para o calculo da melhoria de vencimentos do funcionalismo publico, civil e militar e a que se refere o art. 2.º da lei n.º 1.452, de 20 de Julho de 1923, será igual a 12.

§ 1.º—A melhoria de vencimento que resulte do aumento de coeficiente estabelecido na presente lei não será aplicavel aos funcionarios, ou empregados e seus equiparados que pela aplicação do actual coeficiente, já recebem vencimentos melhorados iguais ou superiores a vinte e cinco vezes os vencimentos liquidos que lhes estavam fixados pela legislação em vigor em 1915.

§ 2.º. Quando os actuais vencimentos dos funcionarios não tenham atingido o limite indicado no § antecedente, mas que o venham a atingir pela aplicação do coeficiente 12, não lhes será abonada a quantia que exceda esse limite.

Art. 2.º. Os vencimentos melhorados das diversas categorias, segundo as disposições desta lei, são os que constam da tabela n.º 1, anexa a esta lei, a qual terá plena aplicação aos funcionarios civis de todos os Ministerios e serviços dependentes, nos termos do decreto n.º 9:528, de 24 de Março de 1924.

§ 1.º. As quotas valorizaveis, correspondentes a cada cotegoria, são as que vão indicadas na respectiva coluna da tabela a que se refere este artigo.

§ 2.º. Aos funcionarios cujos vencimentos melhorados actuais não estejam contidos na tabela da Direcção Geral da Contabilidade Publica, de 19 de Dezembro de 1923, calcular-se-ão os novos vencimentos por interpolação, tomando por base os vencimentos tabelares entre os quais estava intercalado o antigo vencimento e os novos a que estes correspondam pela aplicação do coeficinte 12.

Art. 3.º. Os vencimentos fixos orçamentais das diversas categorias do funcionalismo publico, em actividade de serviço, passam a ser os que vêm fixados na respectiva coluna da tabela a que se refere o artigo anterior.

§ 1.º. Os vencimentos fixos dos funcionarios a que se refere o § 2.º do artigo anterior, serão tambem calculados por similar interpolação.

§ 2.º Todos os funcionarios quo recebam uma parte dos seus vencimentos pelos cofres de emolumentos, terão um vencimento fixo proporcionalmente reduzido, consoante a percentagem que desses cofres auferiram, de modo que a soma da percentagem com o vencimento orçamental prefaça quantia igual aos vencimentos fixos de categorias correspondentes.

§ 3.º E' considerado vencimento de exercicio um sexto do vencimento fixo orçamental, sendo o restante considerado vencimento de categoria.

a) Para os funcionarias a que se refere o § 2.º, o vencimento de exercicio será igual a um sexto da soma da percentagem e do vencimento orçamental.

§ 4.º Os vencimentos orçamentais dos funcionarios dos quadros dependentes da Direcção Geral das Alfandegas são os que constam da respectiva organização de serviços, sendo estes os vencimentos que para os efeitos desta lei são considerados melhoraveis.

Art.º 4.º E' extinta no exercito e na armada a gratificação de patente fixada para os oficiais.

§ 1.º A gratificação de patente que por esta lei estava fixada aos oficiais da arma de infantaria, passa a ser integrada no soldo e considerada como tal para todas as armas e serviços.

§ 2.º A diferença de gratificação de patente que havia para certas armas e serviços continuará a subsistir com a designação de gratificação diferencial, devendo continuar a aplicar-se-lhe o disposto no art. 12.º e seu § da lei n.º 1356, de 15 de Setembro de 1922.

Art. 5.º Os limites indicados no art. 2.º do decreto n.º 8:306 de 26 de setembro de 1912 referentes aos vencimentos melhorados dos padres pensionistas, passam a ser, o superior de 600$00 e o inferior de 180$00.

Art. 6.º Passa a ter a denominação de pensão. o subsidio inscrito no art. 22.º do cap. 5.º do orçamento do ministerio das Finanças, sob a rubrica: «Subsidio a favor das vitimas da incursão monarquica, 660$00», devendo esta pensão ser melhorada nos termos do decreto n.º 9:275, de 6 de dezembro de 1925.

Art. 7.º As pensões de sangue concedidas ás familias de oficiais do exercito e da armada, serão melhoradas, em harmonia com o coeficiente estabelecido nesta lei, sem dependencia de limites, devendo as percentagens a aplicar ás pensões. ser as seguintes:

A familia de oficiais com o posto de general com 5 anos, 38; idem de general, 48; idem de coronel, 55; idem desde alferes a tenente-coronel, 60.

§ 1.º. As pensões de 300$00 actualmente concedidas a todas as pensionistas a que se referem os artigos 6.º e 11.º da lei n.º 1:311; de 14 de agosto de 1922, serão melhoradas pela aplicação do coeficiente de carestia de vida estabelecido nesta lei, adoptando-se a percentagem de 6'7.

§ 2.º Para todas as outras pensionistas a que se refere o decreto n.º 9:275 de 5 de dezembro de 1923, o calculo das suas pensões melhoradas continuará a regular-se pelas disposições desse decreto, depois de introduzidas na respectiva tabela, as alterações resultantes da adopção do coeficiente 12, não podendo, contudo, as pensões melhoradas exceder o limite maximo de 500$00.

Art. 8.º A percentagem a aplicar aos vencimentos dos cabos e soldados da guarda fiscal, para o calculo das melhorias, segundo as disposições da lei n.º 1355, passa a ser de 56.

Art. 9.º Todas as pensões dos funcionarios civis e militares, aposentados, reformados ou na situação de reserva, serão rectificadas, em virtude do disposto nos art.ºs 3.º e 4.º desta lei, mas estas rectificações não alterarão os vencimentos melhorados que resultam das demais disposições desta lei.

§ 1.º Para todas as pensões melhoradas, de reforma ou aposentação, que foram calculadas nos termos do § 2.º do art. 6.º da lei n.º 1452, determinarão as novas percentagens ou o que é o mesmo, as novas quotas valorizaveis que lhes correspondem, em relação ás actuais pensões iniciais, sendo essas quotas valorizaveis ou as percentagens, as que servirão para o calculo das melhorias com o novo coeficiente 12.

§ 2.º O calculo da quota valorizavel a que se refere o § anterior far-se-á subtraindo da pensão total melhorada (pensão de 1915 multiplicada por 10 sem a restrição do limite) a pensão inicial que actualmente corresponde a cada funcionario e dividindo essa diferença por 9. O quociente é a quota valorizavel.

§ 3.º O limite a que se refere o art. 8.º da lei n. 1452, passa a ser um só e igual ao que nesse artigo está estabelecido para aqueles que ficaram sob o regime das percentagens e coeficiente do custo de vida.

Art. 10.º Para todos os funcionarios civis ou militares que se aposentem, reformem ou passem á reserva, depois da publicação desta lei, será feito o calculo das suas melhorias em relação á pensão que teriam, como se os vencimentos fixos orçamentais não tivessem sido alterados ou como se o soldo e a gratificação de patente não tivessem sido integradas em uma só verba, isto é, como se as suas pensões fossem calculadas pelo actual regime de vencimentos fixos ou soldos.

§ 1.º Enquanto o coeficiente de carestia de vida se conservar superior ou igual a 10, o calculo da pensão melhorada dos funcionarios civis ou militares que se aposentem, reformem ou passem á reserva, após a publicação desta lei, será feito segundo as disposições do § 2.º do art. 6.º da lei n.º 1:452, de 20 de julho de 1923, modificando-se em seguida esse vencimento para o regime do coeficiente em vigor, pela aplicação do disposto no § 2.º do art, 9.º isto no caso de a pensão melhorada assim calculada ser superior á que resulta da aplicação directa das percentagens e coeficiente em vigor, á sua pensão inicial.

§ 2.º Os descontos que devem fazer-se nas pensões melhoradas dos funcionarios aposentados, na reserva ou reformados incidirão sobre os novos vencimentos fixos e soldos estabelecidos nesta lei.

Art. 11.º São extensivas aos funcionarios aposentados cujas pensões sejam pagas por verbas orçamentais as vantagens concedidas pela lei n.º 1:332, de 26 de agosto de 1922, devendo essas pensões ser melhoradas nos termos das leis vigentes.

§ único. Para os funcionarios que tenham prestado serviço nas colonias as percentagens relativas ao tempo de serviço a incluir nas suas pensões, serão as que estiverem estabelecidas para os funcionarios coloniais.

Art. 12.º Aos funcionarios que se encontrem na situação de disponibilidade, fóra do serviço, nos termos da lei de 14 de Junho de 1913 e aqueles que vierem a ficar ao abrigo desta lei por virtude da extinção de repartições ou serviço a que pertenciam, são aplicaveis as disposições da lei n.º 1:344, de 22 de Agosto de 1922 e do decreto n.º 8:469, de 6 de Dezembro do mesmo ano que a regulamentou, devendo os seus vencimentos ser melhorados nos termos das leis vigentes.

Art. 13.º Os limites fixados no art. 19.º da lei n.º 4452, de 20 de Julho de 1923, são respectivamente acrescidos de um terço do seu quantitativo o que se refere ao vencimento dos funcionarios em actividade de serviço e de metade o dos funcionarios aposentados ou reformados.

Art. 14.º As percentagens a aplicar aos vencimentos dos cabos e soldados da guarda republicana, para o calculo das melhorias, segundo as disposições da lei n.º 1:355, passam a ser as seguintes:

1.º cabo com mais de 10 anos de serviço, casado, 66; idem, solteiro, 54; idem, com menos de 10 anos de serviço, casado, 67; idem, solteiro, 55; 2.º cabo com mais de 10 anos de serviço casado, 66; idem, solteiro, 54; 2.º cabo com menos de 10 anos de serviço, casado, 67; idem, solteiro, 54. Soldado de 1.ª classe com mais de 10 anos de serviço, casado. 66; idem, solteiro, 53.

Soldado de 1.ª classe com menos de 10 anos de serviço, 66; idem, solteiro, 53; idem, de 2.ª classe, casado, 65; idem, solteiro, 53.

Art. 15.º Os vencimentos melhorados que resultam da aplicação da lei n.º 1581, de 11 de abril de 1924, não são modificados com a adopção do novo coeficiente da carestia de vida estabelecido nesta lei. As percentagens a aplicar aos vencimentos bases, descritos nessa lei, passam a ser os seguintes:

Chefes efectivos da policia de investigação criminal, administrativa e de segurança publica e secretarios de policia, 23,17; sub-chefes e sub-secretarios, 27,10; agentes, 37,45; cabos efectivos, 38,24; cabos graduados, 39,32; guardas de 1.ª classe. 40,90; idem de 2.ª com mais de um ano de serviço, 40,90; idem de 2.ª com menos de um ano de serviço, 40,90.

Comissarios de policia de segurança e subinspectores da policia de investigação criminal: a) Coimbra e Funchal, 16,36; b) Braga, 21,54; c) Os demais distritos, 22,61.

Art. 16.º Fica revogada a legislação em contrario.

lotaria clássica
EXTRAÇÃO: 026/2024 **1.º PRÉMIO: 16667** **2.º PRÉMIO: 56467** **3.º PRÉMIO: 39661**

EURODREAMS
SORTEIO: 051/2024 **CHAVE: 5-13-16-20-23-30 + 5**

NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

40.ª Regata de Barcos Rabelo animou margens do Douro

Realizou-se ontem à tarde a 40.ª edição da Regata de Barcos Rabelo, organizada pela Confraria do Vinho do Porto, no âmbito das festividades do São João no Porto. Os barcos rabelo serviam para transportar barris de vinho do Porto desde os produtores até à Invicta, através do rio Douro. A corrida começou na foz do rio Douro e terminou na Ponte Dom Luiz I. O barco da Cockburns chegou em primeiro lugar, seguido do da Graham's e Dalva, numa prova testemunhada por várias centenas de pessoas a partir do Porto e de Vila Nova de Gaia.

JOSÉ COELHO / LUSA

Cotrim desiste de candidatura à liderança do grupo dos liberais

PARLAMENTO EUROPEU O deputado eleito pela Iniciativa Liberal vai agora concorrer a uma vice-presidência do grupo Renovar a Europa.

TEXTO **JOÃO FRANCISCO GUERREIRO**, em Bruxelas

João Cotrim de Figueiredo candidata-se a uma vice-presidência do Renew, para "contribuir, na medida das suas capacidades, para o fortalecimento do grupo".

O eurodeputado eleito pela Iniciativa Liberal retirou a candidatura à liderança do grupo parlamentar Renovar a Europa (Renew Europe), depois de na tarde desta segunda-feira ter anunciado que, "após ponderada reflexão e depois de contactos com numerosas delegações", desafiaria a liberal francesa Valérie Hayer.

Numa brevíssima nota divulgada em Bruxelas, João Cotrim de Figueiredo anuncia agora que decidiu "não avançar" com a candidatura por "várias delegações" não lhe darem o apoio requerido. "Após a retirada de apoio por várias delegações à última hora, decidi não avançar com a minha candidatura à presidência do Renew Europe", afirma no curto comunicado. No entanto, o deputado afirma que "durante este período" teve "discussões frutíferas e francas com a atual presidente do grupo, Valérie Hayer". Na conversa, assumiram a necessidade de responder "às indicações" resultantes das eleições, que determinaram uma perda de lugares para a família liberal no Parlamento Europeu.

"Concluímos que partilhamos uma preocupação comum sobre a necessidade de fazer evoluir o Renew Europe em resposta às indicações fornecidas pelos recentes resultados eleitorais", afirma Cotrim de Figueiredo referindo-se à conversa com Valérie Hayer. "Com isto em mente, decidi apresentar a minha candidatura a uma das vice-presidências do Renew Europe, para poder contribuir, na medida das minhas capacidades, para o fortalecimento do grupo", afirmou.

dnot@dn.pt

BREVES

Reposta suspensão a docente por assédio

O Tribunal Central Administrativo Norte decidiu repor a sanção disciplinar de suspensão por 90 dias aplicada a um professor de uma escola de Braga por assédio sexual a duas alunas, segundo o acórdão, datado de 6 de junho, que revoga a decisão do Tribunal Administrativo e Fiscal de Braga que tinha anulado aquela sanção disciplinar, aplicada pelo Ministério da Educação. Os factos remontam ao ano letivo de 2018-2019, sendo as vítimas duas alunas, de 12 e 13 anos de uma turma do 6.º ano da EB 2/3 de Nogueira, pertencente ao Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, em Braga.

O professor, que lecionava Tecnologias de Informação e Comunicação e que entretanto abandonou aquela escola, terá apalpado as nádegas a uma aluna quando alegadamente lhe tentava tirar o telemóvel do bolso. Além disso, também a olharia recorrentemente "de cima a baixo". Um comportamento que repetiria com outra aluna, dirigindo também elogios ao seu aspeto físico e à roupa que envergava. Foi então aberto um procedimento disciplinar, no qual o professor, hoje com 68 anos, admitiu que tentou tirar o telemóvel à aluna mas negou qualquer contacto de teor sexual.

Portal das Matrículas com constrangimentos

O Portal das Matrículas tem estado com constrangimentos devido ao "elevado número de acessos" desde sábado, quando abriram as inscrições dos 6.º ao 9.º e 11.º anos, estando em curso otimizações do *site*, segundo o Ministério da Educação.

"Estão a ser registados alguns constrangimentos devido à carga causada no sistema pelo elevado número de acessos", confirmou ontem o Ministério da Educação, Ciência e Inovação, em resposta à agência Lusa. No sábado abriu o prazo para as matrículas nos 6.º, 7.º, 8.º, 9.º e 11.º anos para o ano letivo de 2024-2025, e há encarregados de educação que ainda não conseguiram realizar a inscrição.

Recordando que o prazo termina na sexta-feira, o ministério adiantou que os problemas verificados no *site* estão a ser tratados e que "o Instituto de Gestão Financeira da Educação (IGeFE), que gere o Portal das Matrículas, está a efetuar algumas otimizações tendo em vista resolver os constrangimentos verificados".

De acordo com o calendário de matrículas para o próximo ano letivo, depois dos 6.º, 7.º, 8.º, 9.º e 11.º anos, o prazo para a realização de matrículas para os 2.º, 3.º, 4.º e 5.º anos vai decorrer entre 6 e 10 de julho.

De 15 a 20 de julho poderão ser feitas as matrículas para os 10.º e 12.º anos.

Conselho de Administração - Marco Belo Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Manuel Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, José Pedro Soeiro e Mafalda Campos Forte **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt